

MILITIA

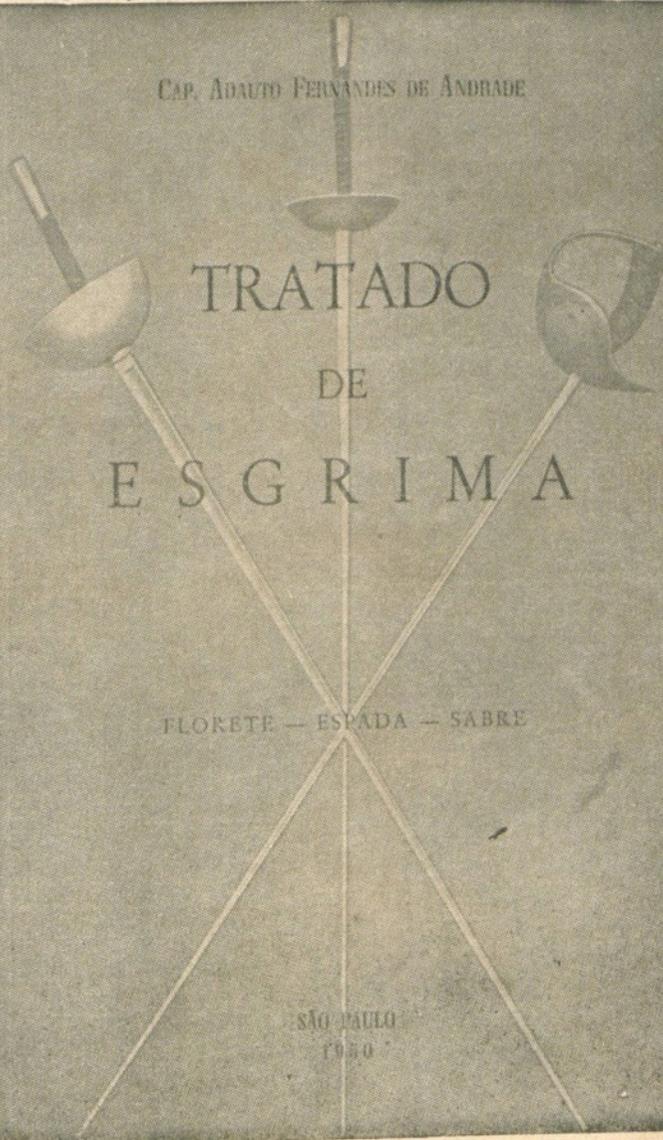
N.º 85 — ANO XIII

NOVEMBRO/DEZEMBRO — 1959

SUMÁRIO

NOSSA CAPA	74
EDITORIAL	5
DIVERSOS	
Brasileiros na Enerazilhada do Mundo — ten. Alaor Brandão	5
O Eletrocardiograma nos Serviços de Rotina Médica — cap. médico Oscar Abranches	21
Salada Mista — cap. Plínio D. Monteiro	24
Prisão Movimentada — ten. Paulo Wilson	26
Veterano do Contestado em MILITIA	29
Lume da História — gen. Nogueira Júnior	30
“Sangue É Sangue, Filho” — ten. Evandro Francisco Martins	32
Especialização Americana — sgt. Antônio Ramos	34
Quando um Dia Partiste — poema de Juraci M.S. Fernandes	37
NOTICIÁRIO	
Presta Contas ao Público o Introdutor da Novocaína	11
Centro Social dos Cabos e Soldados	15
“A Aquisição das Guianas” no Congresso Nacional	22
O Governador Fala da Corporação	38
Demonstração de Incêndio e Salvamento	40
Potencial Previsto 2,5 Milhões de Quilowatts	42
Hildebrando Chagas da Silva, Bacharel	45
Campeonato Colegial de Fanfarras e de Bandas	49
Brasileiros de Todo o Mundo na Capital da Esperança	50
Mais um Manual do Cap. Cálido	62
SECÇÕES	
Portaria Pitoresca	63
No Mundo das Letras	35
Educação Física e Esportes	46
Destacques da Força Pública	64
O Brasil em dois Meses	68
O Bimestre no Mundo	70
Palavras Cruzadas	74
NOTÍCIAS DAS CO-IRMÃS	
Alagoas	56
Distrito Federal	57
Espírito Santo e Minas Gerais	58
Piauí, Paraíba e Pernambuco	59
Rio de Janeiro	60
Rio Grande do Norte e Rio Grande do Sul	61

CAP. ADAUTO FERNANDES DE ANDRADE



TRATADO
DE
ESGRIMA

FLORETE — ESPADA — SABRE

SÃO PAULO
1950

"TRATADO DE ESGRIMA"

"O autor é reconhecida autoridade no assunto. Desde os bancos da Escola de Oficiais que se dedicava com entusiasmo ao nobre esporte das lâminas. Como aluno da Escola de Educação Física, melhorou consideravelmente sua bagagem de conhecimentos da especialidade, o que lhe valeu ser recrutado para o corpo docente do tradicional Estabelecimento de Ensino, para reger as cadeiras de esgrima dos seus vários cursos. A cátedra dilatou-lhe os amplos horizontes, multiplicou-lhe os grandes conhecimentos esgrimísticos.

"TRATADO DE ESGRIMA" é de cunho eminentemente doutrinário. Encerra um verdadeiro curso de esgrima, com notável senso pedagógico. O autor inicia com as noções primárias e vai aos poucos, em pequenas doses, escalando as altitudes esgrimísticas. A seriação das armas, das lições, a ordenação e a metodologia da obra colocam-na ao alcance de todos. Os iniciantes encontrarão na obra do cap. Adauto um roteiro seguro e acessível. Os medianamente conhecedores da arte tirarão de suas páginas preciosos elementos para ampliação dos seus recursos. Os mestres e os doutos terão horas agradáveis ao folhear os seus capítulos, onde tirarão subsídios para enriquecer os seus conhecimentos.

"TRATADO DE ESGRIMA" vem preencher um claro na bibliografia especializada nacional, bastante escassa, aliás, pois contamos apenas com as obras dos Generais Parga Rodrigues e Valério Falcão, já bastante antigas, a obra do Cap. Delphin Balancier, oficializada na Força Pública, e outros pequenos ensaios. Esse é outro lado que credencia a obra nascente.

"TRATADO DE ESGRIMA", está enriquecido por numerosas gravuras ilustrativas, o que vem aumentar a compreensão dos movimentos.

A obra está despertando a mais viva acolhida nas fileiras da Força Pública, baluarte da difusão do esporte fidalgo em nossa terra, e nos meios especializados de São Paulo, sendo certo que o seu interesse se irradiará por todos os centros esgrimísticos do país. Sem dúvida, o livro do cap. Adauto Fernandes de Andrade está fadado a um grande sucesso. Sobram-lhe méritos para isso" (*).

FORÇA PÚBLICA 127 anos, MILITIA 12 — eis os dois aniversários que ora comemoramos. São anos de luta e de esperança eterna, entre alegrias e desilusões.

Exatamente há um ano, nesta mesma página, salientávamos a urgência de lei básica das P. M., para dar à família policial-militar brasileira o lugar que lhe cabe na sociedade e, conseqüentemente, maior garantia ao público. Durante o ano, realizou-se o II Congresso Brasileiro das Polícias Militares, que atraiu para São Vicente milicianos de todo o país. No memorável conclave foi aprovado novo anteprojeto de lei básica, para substituir a propositura que, inútilmente, fôra apresentada no plenário da Câmara de Deputados, anos antes, e precisava ser atualizada. Um deputado — o sr. Ulisses Guimarães — comprometeu-se publicamente, não só a transformá-lo em projeto apresentando-o à Câmara, mas a lutar até o fim pela sua aprovação. Realmente apresentou o projeto mas, até hoje, êle dorme nos meandros legislativos.

Entretanto, nossos soldados continuam a luta obscura de sempre, na milícia bandeirante como através de todo o Brasil. A corporação do brigadeiro Tobias de Aguiar, embora sacrificada, sem os recursos que lhe daria a lei básica, sem as garantias necessárias, entrou em seu 129.^o ano de vida, sem descansar. Numa época em que se constrói um Brasil novo, que será a primeira grande potência industrial que jamais existiu no hemisfério sul, quando o govêrno federal prepara sua transferência para o plano central, concretizando um sonho secular, quando realizações nunca antes tentadas exigem sacrifício do povo e dão origem a incessantes perturbações da ordem, na ânsia pela definitiva libertação do jugo econômico de potências estrangeiras — enfim, nesta época dramática — às milícias estaduais cabe papel de relêvo e, em nosso Estado, a Fôrça vem-se desempenhando a contento de sua missão.

Ao mesmo tempo, MILITIA, menina gerada no seio da corporação mais que centenária, luta em defesa da ordem e da tranqüilidade pública. Já nos seus 12 anos, deixou de ser um simples órgão do Clube dos Oficiais, para se transformar no arauto dos policiais-militares brasileiros. Côncsia de seu papel, levará adiante sua existência difícil, em benefício da lei básica, dos milicianos brasileiros e, principalmente, do povo.

BRASILEIROS na « encruzilhada do mundo »

TEN. ALAOR BRANDAO

O grande avião da USAF (Fôrça Aérea dos E.U.) já voava há mais de dez horas sem escala desde que deixáramos Recife, último pouso no Brasil. Estávamos sôbre o Mar dos Caraíbas e já avistávamos terra: a ilha de Trinidad. A bordo, quinze oficiais de três Polícias Militares brasileiras, três passageiros norte-americanos e a tripulação.

Para os brasileiros seria a primeira vêz que iriam pisar solo estranho ao pátrio.

O aparelho deslisou na pista e parou em frente a uma construção de madeira, tendo no telhado a inscrição: "BEL AIR HOTEL". Ali iríamos passar a noite. Estávamos em Piarco, no centro de Trinidad, Índias Ocidentais Britânicas.

Dados os altos preços cobrados pelas refeições no "BEL AIR", fomos jantar em Port of Spain, capital da ilha, a 17 milhas de Piarco.

Embora fique muito próximo do norte do Brasil, Trinidad apresenta contrastes com nossa terra; a começar da direção do tráfego nas ruas, que é à esquerda, até a população, na qual predominam os orientais, como hindús etc..

Port of Spain é uma cidade pequena comparada com as nossas. Tem palácios, palacetes e palhoças, mas não vimos residências que se pudesse dizer "de classe média".

Às 10 horas da manhã seguinte, levantamos vôo novamente, para depois de seis horas descer na base aérea de Albrook, situada em Balboa, na Zona do Canal, às mrgens do Pacífico e próxima à capital do Panamá.

Aí tínhamos uma surpresa: um soldado do Exército Norte-Americano veio nos receber à porta do avião, falando um português tão corrente quanto o nosso. Após ligeira explicação, ficamos sabendo que se tratava de um brasileiro, de Santos, radicado nos E.U.. Daí por diante o Nascimento — é êsse o seu nome — se converteu em verdadeiro guia dos brasileiros.

Fort Gulicú, nosso destino, fica do lado do Atântico, a uns 80 quilômetros de Albrook. Percorremos essa distância em um ônibus, pela rodovia trans-ístmica, que segue ao lado do Canal do Panamá.

Impressões de uma viagem ao Panamá

Cidade do PANAMÁ: aspecto da parte nova



A sentinela deu passagem ao ônibus, e entramos no Forte "Home of The Usarcarib School", como dizem eles. "Forte" é apenas expressão. Os fortes norte-americanos mais parecem um parque de estação de águas. Jardins, lagos, várias pistas pavimentadas e os edifícios espalhados por uma área muito grande.

Paramos em frente a um dos prédios e nos apresentamos ao comandante da Companhia de Estudantes Latino-Americanos, que nos deu as primeiras orientações e nos conduziu para o rancho, já que eram 6 horas da tarde.

Aí nos sentimos como se estivéssemos fora do nosso mundo, pois tudo — a louça, o talher, e principalmente a comida — guardava apenas semelhança com aquilo com que estamos acostumados. A "louça" não é de louça, mas sim de uma fibra amarela; a comida quase sem sal e acompanhada de pimenta doce, e o "café" não se pode nem descrever, uma vez que é diferente de qualquer bebida que já prováramos.

Daí fomos para os apartamentos (muito confortáveis) que nos estavam reservados, encerrando o começo desta viagem a uma terra esquisita que é chamada, menos por convenção do que pelos próprios fatos de, "ENCRUZILHADA DO MUNDO".

PANAMÁ — A TERRA QUE LIGA OS MARES

O Panamá tem extensão territorial aproximada à do Vale do Paraíba no Estado de São Paulo. Ocupa o antigo istmo de Darien, e é, desde 1903, uma República. É dividido em duas partes pelo famoso CANAL inaugurado em 1914. Uma faixa de dez quilômetros de cada lado do canal pertence por acôrdo perpétuo aos Estados Unidos — é a "Zona do Canal".

Quase todo o território é coberto de florestas, e com escassa população. A agricultura é insignificante e a indústria pouco ou nada passa de artesanato. A maior fonte de renda do país é a porcentagem a que tem direito do total arrecadado (pelos norte-americanos) no canal.

Não possui exército, mas sim uma força de segurança interna, denominada "GUARDA NACIONAL". A despeito disso vivem lá milhares de militares (norte-americanos).

AS CIDADES

Tivemos ocasião de conhecer as duas maiores cidades do Panamá: a capital, com o mesmo nome da república e Colón. A cidade de Panamá tem cerca de cento e cinquenta mil habitantes dispersos em duas partes distintas: uma velha, quase toda de madeira, ruas estreitas e sujas, num ambiente de tristeza e miséria que assusta o visitante. A despeito disso, a zona nova sugere-nos o Jardim América, com construções recentes e um urbanismo pitoresco.

Colón, no lado Atlântico, tem um aspecto urbano que medeia entre a parte velha e a nova de Panamá: misturam-se na mesma rua casebres e palacetes. É um pôrto livre e em razão disso habita gente de todos os matizes, das mais variadas raças, culturas e escalas sociais. Há nas ruas hindús de turbante, chineses, marinheiros, industriais, soldados e ladrões dos quatro cantos do mundo.

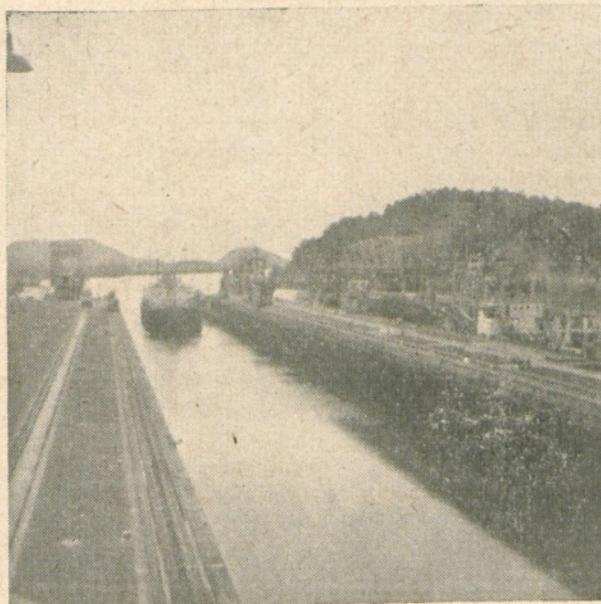
Comportas de MIRAFLORES

O POVO

Êste é um amálgama enorme, com grande quantidade de negros, índios e orientais. Praticamente só existem duas classes sociais: ricos (muito ricos) e pobres (muitíssimo pobres). Embora o idioma oficial seja o castelhano, tudo que se escreve (à excepção de documentos), tem tradução para o inglês. Muitos panamenhos preferem o inglês ao espanhol. Cardápios, letreiros luminosos e, às vêzes, notas de compra são somente em inglês.

PROBLEMAS

O Panamá vive em tórno e em função do Canal. No entanto, como êste não lhe pertence, surgem os mais variados e graves problemas. Há um constante ambiente de tensão, já que dificuldades internas (como reivindicações salariais) se convertem em atritos internacionais; siso porque é enorme o contingente de panamenhos que estão na condição "sui-generis" de viver em um país e trabalhar em outro — a Zona do Canal está sob jurisdição dos E.U. Um exemplo dêses atritos surgiu com a comemoração do dia 3 de novembro (Independência do Panamá), quando populares realizaram uma passeata reivindicando igualdade de salários para panamenhos e norte-americanos empregados da "Panama Canal Company", cuja sede fica em Balboa (zona norte-americana). Os manifestantes foram barrados na fronteira e, em represália, dirigiram-se à embaixada dos E.U., apedrejando-a e arriando a bandeira yanque da fachada; tentaram, ainda, entrar no "Zona do Canal" com a bandeira panamenha, no que foram impedidos. Depois vieram os protestos de ambos os governos, explicações e troca de notas diplomáticas, mas essas desordens aumentam muito a tensão existente.



A ZONA DO CANAL

É pontilhada de cidades e estabelecimentos militares e cortada de rodovias. As cidades são limpas e em geral pequenas, parecendo parques públicos ajardinados. Têm, no entanto, um toque de monotonia, dada a uniformidade cansativa das construções e a calma das ruas. Em razão de acordos, não há comércio nas cidades norte-americanas, fazendo com que elas sejam unicamente residenciais. Pode-se cruzar uma povoação inteira sem que se veja viva alma, dando a impressão de um cenário de teatro sem os atores: estática absoluta. Em uma das vilas que conhecemos — Margarita — o único estabelecimento que há é um posto de gasolina onde, para abastecer o carro, o freguês tem que se submeter a um intrincado processo burocrático, provar que tabalhra no Canal ou que é militar.

O padrão de vida na "Canal Zone" é extremamente mais alto do que na República do Panamá; a fronteira entre os dois setores é nitidamente percebida, mesmo para a pessoa menos avisada, pois não é só uma fronteira geográfica, mas também social.

O CANAL

O famoso canal é uma das grandes obras de engenharia mundial. Um barco para atravessá-lo tem que se elevar através das comportas, a 25 metros sobre o nível médio do mar, e descer novamente para chegar ao outro oceano.

O engenhoso sistema de comportas é um meio, não só de ultrapassar as montanhas centrais do Panamá, como também de regular o desnível das marés do Pacífico, em cuja montante atinge 3 metros sobre o nível médio, descendo a 3 metros abaixo desse nível na jusante. É de tal maneira sensível desse desnível, que, durante a construção do canal, chegou-se a pensar que a superfície do Pacífico não estivesse no mesmo plano que a do Atlântico, a pesar de tal hipótese ser evidentemente absurda.

Este canal não é uma "estrada líquida" como o de Suez; é, antes, uma sucessão de lagos, comportas e "cortes" na montanha. Possui um trânsito intenso, havendo dias em que o número de navios e outras embarcações que o cruzam é de mais de 150. Toda a travessia leva de 8 a 10 horas.

CONCLUSÃO

O Panamá é uma terra de paradoxos, pois sendo um país de milhões e de miséria, é além de tudo — e aí está o interessante — a terra que liga os continentes e que une os mares.

Presta contas ao público o introdutor da novocaína

PLIRTS NEBÓ, capitão médico da Fôrça Pública, introdutor da novocaína no Brasil, vem através de MILITIA prestar contas do trabalho realizado por êle com o novo medicamento. Recordá-se que esta revista publicou, em seu número 76, de julho/agosto de 1958, trabalho seu intitulado "Descoberto Finalmente o Elixir da Longa Vida", em que o autor revelava os efeitos da novocaína.

Em seguida outros órgãos da imprensa brasileira divulgaram reportagens e entrevistas a êsse respeito. O público entusiasmou-se e, desde então, milhares de pacientes querem o produto "miraculoso", que afinal, no dizer do autor, não é um "cura-tudo" nem um "cura-todos". Salienta ainda o autor o uso indiscriminado da novocaína por inúmeros irresponsáveis ou estelionatários, com incalculáveis danos para o paciente e grandes lucros para êles. Plirts Nebó clama contra a ausência de fiscalização e aponta o exemplo da Fôrça Pública, onde tôdas as precauções são tomadas cientificamente.

É com satisfação, portanto, que MILITIA, primeira a divulgar a boa nova, estampa agora a prestação de contas do pioneiro.

Ano e meio de atividade, desde a revelação através de MILITIA.

Mais de 3.000 pacientes tratados, 1.232 em tratamento.

A NOVOCAÍNA

Dr. Plirts Nebó

Há tempos atrás, viemos por meio de "MILITIA" dar em primeiríssima mão a notícia sobre "A descoberta do Elixir da Longa Vida" (*) e hoje, decorridos cêrca de 18 meses, voltamos com a "prestação de contas" aos nossos estimados leitores.

Naquela época, iniciávamos os estudos, baseados nos trabalhos da professora rumena Ana Aslan; nossa experiência era pequena e nossa casuística apenas de duas dezenas de pacientes. Hoje, um ano e meio passados, podemos tirar nossas próprias conclusões, baseados em dados estatísticos nossos, com uma casuística de 3234 casos já tratados e 1232 em tratamento.

Verificamos inicialmente que devido às nossas condições biológicas, climáticas e principalmente nossa paupérrima alimentação e deficiente água, a ação do cloridrato de para-aminobenzol (novocaína) era eliminada rapidamente em 24 horas. Dessa maneira, instituímos ao invés de ampolas de 5cc feitas em dias alternados, 4 ampôlas de 2cc diariamente. Com isso, obtemos um nível sangüíneo constante por um período mais longo e, lógicamente, resultados bem mais rápidos e seguros. Entre os grupos de pacientes assim tratados em comparação ao grupo contrôte tipo Aslan, obtivemos melhores resultados.

ORIENTAÇÃO ESTRANHA

As novocaínas, introduzidas no comércio pelos laboratórios, não seguiram nossa orientação e, assim sendo, os médicos se viram na contingência de usar do que dispunham e não do que realmente seria necessário em nosso meio; daí as duvidas, daí os insucessos, daí o início do descrédito de alguns.

Convenhamos, senhores, que em primeiro lugar, em medicina não existem doenças e sim doentes. Cada caso, às vezes, apesar de parecido é na realidade bem diferente. Todo paciente deve ser previamente examinado minuciosamente; devem ser pedidos exames de laboratório e subsidiários, para que o clínico saiba se convem, se há de fato necessidade de novocaína. Como já vos disse, ela não é um "cura-tudo" e nem um "cura-todos".

LIBERTAÇÃO DO "MAGISTER DIXIT"

Em segundo plano, devemos saber que já é hora de nos orientarmos de maneira nossa e não de seguir a velha frase do "magister dixit", isto é, um medicamento, exemplar na Indonésia ou na Cochinchina, deverá sofrer algumas alterações para obter êxito em nosso meio. O mesmo se passa com a novocaína. É preciso conhecê-la bem; é necessário exame do paciente e exames de laboratórios para contrôles periódicos e é ultra-necessário adaptá-la ao nosso meio, ao nosso "biomorfismo", às nossas condições climáticas e nutricionais. Se assim fizermos, se agirmos com cuidado e com boa orientação, logicamente obtaremos excelentes resultados, mas se a empregarmos desbaratadamente e irracionalmente, nada poderemos esperar, de nada valerá o sacrifício das injeções e tôdas as esperanças caem por terra.

PRECAUÇÕES NECESSÁRIAS

Outro ponto que temos que esclarecer é o seguinte: O sal, cloridrato de para-amino-benzol (novocaína) é um sal ácido que se oxida facilmente sob a ação da luz, perdendo pouco a pouco seu efeito. Seu p.H. é, quando dissolvido em água, 4; segundo as experiência de Aslan e por nós confirmadas, quanto mais ácido, melhor o efeito, e recomendamos p.H. 3,5 (nada tem que ver com a denominação fator H3); para tanto, temos que colocar alguma substância que acidifique ainda mais êsse sal ácido e associar uma substância tampão, para mantê-lo nesse p.H..

O vidro é alcalino, normalmente os empregados nas ampôlas de medicamentos, devemos usar o vidro neutro (que por sinal é bem mais caro) afim de não alterar o p.H. da substância.

EXEMPLO DA FÔRÇA PÚBLICA

Em resumo, as ampôlas manipuladas no H. M. de nossa corporação são por nós orientadas e manipuladas sob o con-

trôle permanente do cap. farmacêutico Enjolras ou de seu assistente lo. ten. farmacêutico Moisés. Elas são de côr âmbar (afim de evitar a ação direta da luz), vidro neutro (afim de evitar a alcalinização do produto), contêm 40 mg de sal puro e não 100, associadas à substância acidificante e tampão para mantê-la por tempo indefinido em seu p.H. ideal, isto é 3,5. Sua quantidade por ampôla é de 2 cc e não 5 e são aplicadas diariamente por 30 dias seguidos, sem intervalos.

Eis aí, meus caros leitores, o porque das diferenças atingidas por nós e por outros colegas.

CARNAVAL DO "REJUVENESCIMENTO"

Não é por falta de orientação, não é por falta de conferências e por falta de publicações em revistas científicas que essa diferença ainda existe. Fizemos 20 conferências médicas em vários estabelecimentos. Palestras leigas sem fim em rádio, imprensa e televisão. Publicamos trabalhos científicos em algumas revistas médicas nacionais e estrangeiras... mas, "O SANTO DE CASA NÃO FAZ MILAGRES"... Os laboratórios farmacêuticos brasileiros fizeram ouvidos de mercador, não nos deram atenção... foram atrás do "magister dixit"... e fizeram um verdadeiro "carnaval" com a pobre novocaína... associaram-na a vitaminas (mal sabendo que a associação provoca a oxidação), associaram-na a hormônios, fizeram até "shampoo" e creme facial de novocaína... POR ONDE ANDARÁ O SERVIÇO DE FISCALIZAÇÃO?

Os laboratórios, procuraram única e exclusivamente seu "rejuvenescimento". O povo, que se amole, que pague caríssimo e que sofra as conseqüências da falta de fiscalização. O que eles quiseram e o obtiveram foi mais uma fonte de renda... mais um conto do vigário... e a ciência que se arrume, que se amole. Os práticos de farmácia e os "donos" de farmácia, fizeram "testes", receitaram, a torto e direito, a novocaína... alguns pacientes morreram... mas o que tem isso de mal?... eles ganharam rios de dinheiro.

A fiscalização, essa... nem é bom falar... EXISTE?

Êsse era um esclarecimento que eu devia aos meus leitores de "MILITIA".

Em época oportuna, voltarei a conversar um pouco mais. Os interessados, que procurem na literatura médica nacional e estrangeira os efeitos benéficos e miraculosos da NOVOCÁINA.

(*) In MILITIA, n. 76, julho/agosto de 1958, página 38.

Centro Social dos Cabos e Soldados
congrega 7 000 componentes da Fôrça



Menos de 3 anos de vida
Participação ativa no Congresso das
Polícias Militares
Inúmeras realizações
Exemplo dado ao Brasil

COM SETE MIL SÓCIOS, está em franca atividade o Centro Social dos Cabos e Soldados da Força Pública, entidade com menos de três anos de vida, mas com apreciável acervo de realizações em seu ativo. Participou ativamente dos trabalhos do II Congresso Brasileiro das Polícias Militares, realizado em agosto do corrente ano em São Vicente. Lá, seus representantes impuseram-se pela sua energia e moderação, pela justeza e desassombro com que defenderam seus pontos de vista, sem fugir aos preceitos disciplinares. Lado a lado com oficiais e praças de Polícias Militares de todo o Brasil, batalharam em prol da causa pública, numa demonstração de suas reais possibilidades. Já naquela oportunidade, a associação de nossas praças, que representa uma força poderosa e organizada, impressionou o público paulista pela galhardia com que se conduziu. E continua a crescer e a organizar-se cada vez melhor.

DIREITO DE VOTO

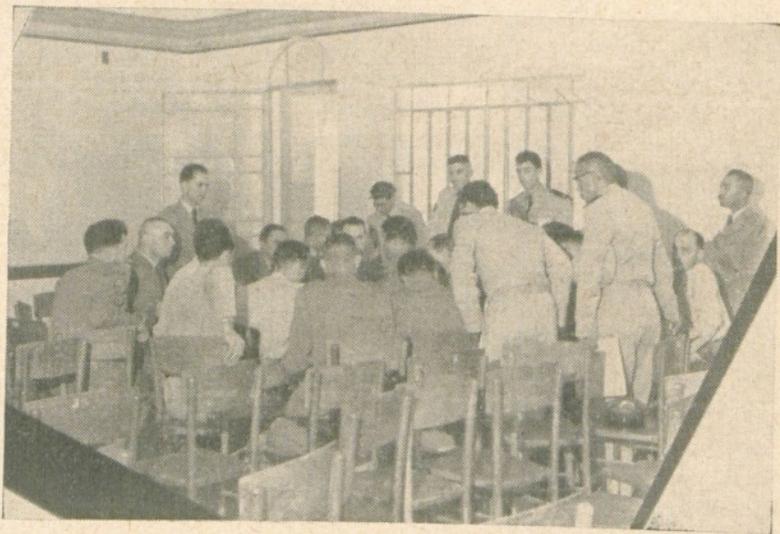
Como já é do conhecimento geral, os cabos e soldados de nossa milícia, com a colaboração de seus colegas de todo o Brasil, pleiteiam o direito de voto para eles. A esse propósito, a delegação da entidade ao Congresso de São Vicente apresentou moção expondo as razões daquela reivindicação (ver MILITIA n.º 84, de setembro e outubro de 1959) — moção aprovada por unanimidade por oficiais e praças do Brasil.

O povo brasileiro aplaude aquela campanha, iniciada pelo Centro Social e abraçada por toda a classe. Milhares de brasileiros que envergam a farda, responsáveis pela tranqüilidade pública, vêm sendo impedidos do exercício regular de um direito garantido pela Constituição Federal a todos os cidadãos. Não mais se discute o direito que cabe aos milicianos. É ponto pacífico que os soldados de milícias são profissionais da segurança pública, à qual dedicam a vida inteira; não estão apenas prestando o serviço militar, em caráter provisório.

Por outro lado, não mais se pode aceitar a alegação de que poderiam ser coagidos a votar neste ou naquele candidato. Nem se admitem razões de ordem cultural. São pretextos superados, que só interessam a uma minoria.

Quanto à coação, é fato indiscutível em grande parte do eleitorado. Cédulas distribuídas com antecedência e exclusividade para determinado grupo partidário

Em ação no Congresso das P.M.



ou candidato, contrôle do número de votantes em cada seção — são apenas alguns dos recursos usados. Onde são tentados? Nos meios civis. Nas repartições públicas há perigo de coação, como nas grandes fazendas do interior e em algumas empresas particulares. Em inúmeras organizações civis, são comuns as promessas em hipótese de vitória eleitoral e ameaças em caso contrário. Nas corporações fardadas, tais atividades são difícilísimas. Quando, apesar disso, surgem candidatos milicianos que se valem de suas funções, há uma série de sansões regulamentares para defesa do eleitorado fardado.

No que diz respeito ao grau de instrução, em primeiro lugar, o soldado de polícia é alfabetizado — único requisito cultural exigido para o eletor. Cultura política, é inegável que os cabos e soldados a têm em dose suficiente, mesmo porque, mais que os oficiais e inúmeros civis, sentem na própria carne os problemas de nosso subdesenvolvimento econômico e da desvalorização crescente da moeda. Do conhecimento das soluções indicadas para os problemas da classe, temos as demonstrações constantes do Centro Social dos Cabos e Soldados. Por isso, cedo ou tarde, entrarão no gozo do direito que lhes é postergado, ainda que o Código Eleitoral e a Constituição sejam interpretados desfavoravelmente, como vem sendo feito.

ALGUMAS REALIZAÇÕES

Depois de enfrentar grande oposição, nosso cabos e soldados conseguiram, devido unicamente ao esforço próprio, autorização oficial para funcionamento provisório da entidade. O governo do Estado não fez favor. Depois de inúmeras tentativas dos fundadores do Centro, concedeu autorização porque era um dever a

que não poderia fugir indefinidamente. A nóvel entidade já nascia poderosa, naquele 12 de março de 1957.

Proseguindo em suas reivindicações, o Centro Social obteve, depois de luta árdua que durou quase um ano, sua oficialização, concretizada pelo decreto 30.666, de 13 de janeiro de 1958. Estava aberto o caminho para inúmeras batalhas vitoriosas. A primeira delas foi rápida: em fins do mesmo mês o Centro obteve a extensão aos cabos e soldados com um mínimo de 5 anos de serviço, do direito de empréstimo pela Caixa Econômica do Estado.

Varias outras realizações se seguiram. Dentro em breve deverão ter aprovada, na Assembléa Legislativa, a inclusão de um milhão de cruzeiros no orçamento do Estado, para construção da sede própria. Recentemente apareceu o primeiro número de seu boletim informativo, que dará conta de todos os atos que se realizarem.

ASSISTÊNCIA JURÍDICA E SOCORROS MÚTUOS

Aprovado em assembléa geral realizada a 13 de maio do corrente ano, está em funcionamento o Serviço de Assistência Jurídica, destinado à defesa dos associados do Centro. Para isso, o Centro comprometeu-se a contratar advogado para fazer plantão na sede da entidade, em horário pré-determinado. Para ter direito à assistência, a mensalidade de cada interessado é elevada em 10 cruzeiros.

A Carteira de Socorros Mútuos entre os Cabos e Soldados da Ativa, Reserva Remunerada e Reformados é outra realização do Centro. É órgão beneficente destinado a formar pecúlio para a viuva ou outros dependentes do associado falecido, bem como prestar auxílio funerário e material.

RESUMO HISTÓRICO

1a. fase: diretoria provisória

Em 12 de março de 1957, data em que foi autorizado o funcionamento da entidade, elegeu-se a diretoria provisória, assim constituída: presidente — sd. José Francisco Xavier Filho; vice-presidente — sd. João Teodoro Ramos; 1o. secretário — sd. Orlando de Souza; 2o. secretário — sd. Londoaldo Cordeiro de Almeida (atualmente sargento); 1o. tesoureiro — sd. Oirasil Werneck; 2o. tesoureiro — sd. Francisco Fabiano Camilo; 1o. bibliotecário — sd. Juvenal Câmara; 2o. bibliotecário — cabo Benedito Pereira da Costa. Conselho Fiscal: diretor — cabo Dario Blanco Machado; 1o. relator — cabo Sebastião dos Santos; 2o. relator — sd. Antônio Pinto; membros — sds. Joel Correia dos Santos, Francisco José de Sousa, José Bernardo de Carvalho, Mário Barroso da Silva e José Câmara; suplentes — cabos Luís Fabrício e João Claro de Arruda e sd. João Carneiro da Silva.

À diretoria acima coube a difícil tarefa da organização. Sem um local para reunir-se, seus componentes encontravam-se onde podiam. Assim, traçaram-se os planos e começaram as atividades da nóvel entidade. A diretoria reunia-se ora aqui,

ora ali, até conseguir lugar na sede de um clube de futebol, de onde se transferiram para a sede atual, à rua Rodolfo Miranda.

Entretanto, desde o começo, realizaram-se reuniões festivas para recreação e conagraamento da classe. Com a instalação da sede, as reuniões entre associados tornaram-se freqüentes. As competições esportivas foram inúmeras. Só de futebol, travaram-se quarenta e duas partidas. Foi, aliás, um clube de futebol — um simples clube varzeano — que deu origem ao Centro Social. Espetáculos diversos e bailes, além de outras realizações, atraíram grande número de freqüentadores e ampliaram o quadro social.

DIRETORIA ATUAL

Em pleito levado a efeito nos dias 27 e 28 de abril de 1958, foi eleita a diretoria atual, cujo mandato se encerra em 1960 e é formada pelos seguintes sócios: presidente — sd. Oirasil Werneck; vice-presidente — João Claro de Arruda; 1o. secretário — sd. Orlando de Souza; 2o. secretário — Joel Correia dos Santos; 1o. tesoureiro — José Francisco Xavier Filho; 2o. tesoureiro — cabo Benedito Pereira Costa; 1-o. bibliotecário — sd. Antônio Pinto; 2o. bibliotecário — cabo Expedito Barbosa dos Reis; Conselho Fiscal: diretor — cabo Luís Fabrício; 1o. relator — João Teodoro Ramos; 2o. relator — cabo Antônio Pereira da Cunha; membros — cabo Antônio dos Santos e sds. Josué Câmara, Francisco José de Sousa, Mário Barroso da Silva e Juvenal Câmara. Suplentes da diretoria — cabo João Carneiro da Silva e sds. Euclides Alves Martins, Roberto da Silva, Antônio Alves Muniz e José Bernardo de Carvalho.

Os diretores atuais foram empossados e diplomados dois meses após as eleições. Desde então, como seus antecessores, desenvolvem intensa atividade, em todos os setores. Alguns membros do órgão diretor foram substituídos posteriormente, mas a atuação da diretoria não sofreu solução de continuidade.

SUCURSAIS DO INTERIOR

É plano da diretoria do Centro a instalação de sucursais junto às unidades da Força Pública sediadas no Interior do Estado. A primeira delas foi fundada entre os componentes do 5o. B. C., em Taubaté, conforme divulgamos em MILITIA.

A instalação da sucursal n. 1 naquela unidade de nossa milícia, obteve grande repercussão na imprensa local, que deu o destaque merecido ao acontecimento. É mais uma parte do Centro Social, já em atividade, tendo à testa a seguinte diretoria: diretor-presidente — cabo Gilberto Rodrigues da Silva; dir. vicepres. — sd. Jair Monte Serrat do Prado; dir. secr. bibliotecário — cabo Tarcísio de Paula; aux. do secr. bibliotecário — sd. Florival de Castro; 1o. tes. — cabo Geraldo Santos; 2o. tes. — sd. Juvenal Tavares; dir. de relações públicas — cabo Flordísio Rodrigues dos Santos.

COROAMENTO DE VELHA LUTA

A autorização para funcionamento do Centro, em 1957, só foi conseguida depois de longa batalha, travada silenciosamente. Dois anos antes, já um pequeno grupo

de praças movimentava-se para criação de um órgão associativo que defendesse seus interesses e lhes proporcionasse maior união entre os componentes da Fôrça. Os oficiais tinham sua entidade; o mesmo tinham também os subtenentes e sargentos. Os cabos e soldados não podiam ficar eternamente impossibilitados de realizar também aquêles seu sonho, havia muito acalentado.

A idéia, porém, não foi bem recebida por todos. Como não podia deixar de ser, provocou a reação de mentalidades retrógradas. Os anseios dos milicianos esbarraram num muro de incompreensão. Mas os bravos lutadores não desanimaram. Prosseguiram na luta, certos da vitória final, e seu trabalho foi coroado de êxito. Os opositores viram-se na contingência de ceder e hoje o sonho é uma realidade. Um dos redatores do Boletim do Centro, o diretor sd. Orlando de Sousa, deixou impresso naquele órgão: "Ainda me lembro, como se fosse hoje, dos amargos dias que passei, lá pelo ano de 1955, quando me juntei ao pequeno grupo de soldados do qual partia a idéia da criação do CENTRO SOCIAL DOS CABOS E SOLDADOS." Foram dias amargos, realmente, mas nada fêz recuarem aquêles pioneiros, que deram ao Brasil inteiro um exemplo de coragem e abnegação. Que sejam imitados, portanto, pelos demais milicianos brasileiros, é o desejo de MILITIA.

CONSUMIR PRODUTOS NACIONAIS



É UM DEVER DE PATRIOTISMO

É AJUDAR A LIBERTAÇÃO
ECONÔMICA DO BRASIL

É CONTRIBUIR PARA O
DESENVOLVIMENTO DA
NOSSA PRODUÇÃO

O Eletrocardiograma nos Serviços de Rotina Médica

Dr. OSCAR ABRANCHES

Cap. Médico da P. M. do Rio de Janeiro

Os traçados do eletro, dentro de sua finalidade de corroborar como complemento auxiliar do diagnóstico, constituem uma aquisição útil da medicina em salvaguardar a vida dos pacientes.

O importante será quando nos serviços públicos, civis ou militares, for utilizado como rotina o eletrocardiograma.

Há situações em que a doença cardíaca em estado incipiente passa muitas vezes despercebida, não só ao clínico como também à Tele-radiografia; é o que acontece freqüentemente aos candidatos a empregos. É quasi comum uma grande percentagem de pessoas apresentar sopros em toda a área precordial com o mesmo timbre e tonalidade, aparentemente sem a mínima significação patológica e concluir-se o diagnóstico, talvez, de sópros anorgânicos.

O eletrocardiograma, nessas condições obscuras, servirá para, associando o resultado dos traçados com o exame clínico, ajuizarmos do diagnóstico.

Em certos casos de anemias, dita referência sendo feita aos concorrentes a concursos de habilitação a qualquer Ministério, se fosse empregado como serviço de rotina o eletro, iríamos ver no traçado a alteração da onda T com negatividade nas derivações periféricas DI, DII, precordias V4, V6 etc., e então esses candidatos não deveriam ser habilitados na inspeção de saúde porque provavelmente esses pacientes estão com seu miocárdio em estado de sofrimento.

Na sífilis, em que quase normalmente as reações sorológicas são de resultado negativo, vai acusar o eletrocardiograma uma hipertrofia-ventricular esquerda, onde muitas vezes o único sinal é uma deflexão intrínseca retardada.

Nos indivíduos jovens — muitos dos quais candidatos às forças militares — os traçados de eletro irão identificar insuficiência aórtica reumatismal em evolução, sugerindo a hipertrofia ventricular esquerda sem desvio do eixo elétrico correspondente, com alterações nas derivações periféricas em DII, DIII e unipolar do membro VP, apresentando a anormalidade da fase terminal. As derivações Precordiais ajudarão a elucidar o diagnóstico nesses casos.

Os que já sofreram, abalo na saúde em virtude do acontecimento do vírus do tifo, deixando no coração do paciente as sequelas duma miocardite, temos o auxílio do eletrocardiograma mostrando a anormalidade da onda T, a irregularidade do complexo R S em sua amplitude etc.

O escopo desta minúscula sugestão é pôr em relêvo a urgente necessidade de fazer parte da equipe de exames complementares o valioso eletrocardiograma.

Há, alhures, provas insofismáveis há bem pouco demonstradas da grande lacuna do eletro em que iria derrocar, muitas vezes, com seus resultados positivos, tantas pretensões idealizadas, mas tal não sucedeu em consequência da "normalidade da Tele", "reações sorológicas" e da própria Hematimetria e Hemoglobinometria com cifras de 2000,000 e Hemoglobina a 40%!

"A Aquisição das Guianas" no Congresso Nacional

Transcrito nos Anais da Câmara Trabalho do
Prof. Pau'o Henrique — Notícias do Exterior

A REQUERIMENTO da deputado Ivete Vargas, acaba de ser transcrito nos Anais da Câmara de Deputados trabalho publicado em MILITIA. Trata-se do estudo do prof. Paulo Henrique, intitulado "A Aquisição das Guianas", inserto no n. 75 desta revista — maio e junho de 1958 — e agora transcrito no Diário do Congresso Nacional, Secção da Câmara.

DO EXTERIOR

Por outro lado, notícias procedentes de Paris informam que a França decidiu pôr à venda a célebre ilha do Diabo, no litoral da Guiana Francesa. Ao mesmo tempo, despacho de Caracas dá conta de providências do governo de Londres, no sentido de dar "total liberdade à Guiana Inglesa". Recordar-se, a êsse respeito, que aquela colônia foi palco de repetidos movimentos em prol de sua separação do Império Britânico, movimentos sufocados violentamente.

FALA O AUTOR

O autor dos diversos trabalhos publicados a propósito da assunto — prof. Paulo Henrique — assim se manifestou à reportagem de MILITIA:

— "Ao aproximar-se a vitória de uma luta que, para mim, custou mais de 12 anos de artigos e conferências, quero ressaltar o papel de MILITIA, ao lado da "Revista do Clube Militar" do Rio e de órgãos da imprensa diária de São Paulo e do Distrito Federal, divulgando os trabalhos feitos e garantindo, assim, o apoio necessário a minha tese."

SANTA RITA, CÂMARA MUNICIPAL: MAIS APLAUSOS

A CÂMARA Municipal de Santa Rita do Passa Quatro, cidade em que exerce suas atividades o prof. Paulo Henrique, também foi elogiado o trabalho "A Aquisição das Guianas", da lavra daquele professor e inserto nas páginas do número 75 de nossa revista. Em recente sessão da Edilidade, o vereador Roberto Sampaio Gândara prestou sua homenagem ao nosso redator, nos seguintes termos:

"Eu desejo prestar, nesta casa, uma justa homenagem ao ilustre e ilustrado santarricense, o prof. Paulo Henrique da

Rocha Corrêa. Esse moço, senhor presidente, vem de longo tempo dedicando-se entusiasticamente, com o maior interesse, ao estudo e soluções dos grandes problemas que visam o desenvolvimento e a emancipação do Brasil. Um de seus objetivos tem sido o caso das Guianas que, no seu largo conhecimento das questões nacionais e internacionais, reputa de interesse dos guianeses, de interesse dos brasileiros, de interesse da América, de interesse das nações européias colonizadoras, e muito acertadamente de interesses humanuários. E motivo de regosijo para nós santarritenses, para nós brasileiros, para nós nacionalistas e para nós que desejamos e lutamos pelo engrandecimento racional e pela sua emancipação econômica, ter conhecimento de que a deputada Ivete Vargas requereu a transcrição nos anais da Câmara Federal desse artigo estampado na revista MILITIA, n. 75. Essa revista é orgão dos oficiais da força pública de São Paulo."

REFLEXOS INTERNACIONAIS

A seguir, refere-se às conseqüências do estudo e da atitude da parlamentar. Frisa que, pouco depois da transcrição nos anais da Câmara, o governo francês resolveu pôr à venda a célebre ilha do Diabo, no litoral da Guiana, conforme notícia publicada em matutino desta capital. Dias depois, como lembra o edil santarritense, outro jornal paulistano divulgou promessa do governo britânico de dar "total independência a Guiana Inglesa".

TRIUNFOS PESSOAIS

O mesmo orador, além de ventilar o caso das Guianas, teceu comentários elogiosos ao redator, dizendo: "A par desses acontecimentos, senhor presidente, temos também a notícia divulgada por um jornal do Rio, de que o prof. Paulo Henrique, na seleção para o magistério de Brasília, foi classificado em primeiro lugar no Estado de São Paulo e em terceiro lugar no Brasil. É grande a minha satisfação por poder prestar esta homenagem, porque a estou prestando a um grande nacionalista e a uma das mais brilhantes culturas e inteligências do país. Requeiro, senhor presidente, sejam estas minhas palavras, na íntegra, transcritas em ata".

MILITIA PROSSEGUIRÁ

Temos a esclarecer ao leitor que o prof. Paulo Henrique tem prontos outros trabalhos inéditos a serem publicados em MILITIA. Até o momento, não foi possível estampá-los, por motivo de doença do autor, que se acha em convalescença. Entretanto, êle se mostra disposto a prosseguir em sua luta e, mesmo depois de ir para a nova capital brasileira, enviará seus trabalhos para divulgação através de nossa revista.

Salada mixta

Cap. Plinio D. Monteiro

Contar casos de "superior" sempre complica o indivíduo; mas, se só alguns conseguirem identificar as personagens, não há perigo.

-:O:-

Não era por êle...

Certo major telefonou um dia para o S.F. e perguntou: — Olhe aqui! quem está falando é o major... sub-cmt. do 1.º B.C., ouviu? Eu queria saber, aliás, o Sr. Cmt. deseja saber a nova tabela de vencimentos; não por êle, mas por causa dos soldados. Olhe aqui! quanto vai ganhar um major?

Depois de uma pequena pausa: — Não me engane, ein! Obrigado. E desligou muito satisfeito.

Dizem que certa vez êsse major, então capitão, durante uma aula, dividiu 200 por 0,25 e ante o resultado comentou surpreso: — Ora já se viu. Esta conta deve estar errada! Onde já se viu o quociente ser 4 vezes maior que o... que êste n.º aqui de cima. Vamos fazer outra vez. Quem ajuda seu capitão?

-:O:-

O Instrutor indicou aos alunos-oficiais recém-alistados na Escola que adquirissem o R. Cont.

E um "paisaninho" não parava de perguntar qual era o livro.

— Já disse, é o R. Cont.

— Sim, o autor eu já entendi que é um tal de R. Conte, mas, e o nome do livro?

-:O:-

Havia um antigo oficial da F.P., quando em conversa com qualquer pessoa, dizia simplesmente o nome da espôsa, sem citar o gráu de parentesco que o ligava a ela; assim como se todos tivessem a obrigação de lhe conhecer a família. Entre outros casos, citava sempre o fato dele ter conseguido "militarizar" a mulher. Quando precisava trocar de roupa às pressas, telefonava para casa, e dizia: — Fulana, quero o 4.º uniforme.

E, segundo êle, a situação estava resolvida; era chegar e, lá estaria, em cima da cama, o fardamento pedido e os complementos correspondentes.

Certa ocasião, êle telefonou e foi trocar de roupa. Na volta, alguém lhe chamou a atenção para as meias brancas com uniforme diagonal.

— É... fulana, com essa troca de plano de uniformes, está desatualizada... e também estava um pouco escuro lá em casa...

-:O:-

E houve, ainda, aquêlê aluno do C.A.O. que quando inquerido pela "Raposa do Barro Branco" de como resolveria uma situação tática, insinuou que poderia ser solucionada com uma carga de cavalaria.

Como, seu? entre êsses dois morros ingremes? o sr. não conseguiria chegar ao objetivo com um único cavaleiro.

— Bem, mas eu estou considerando a mesma situação num terreno plano.

Certo exame. O professor de francês ditava e surpreendeu um aluno escrevendo a parte gramatical.

E bondosamente: — M' sieu! e o ditado?

— Não se encomode professor, o ditado eu faço depois.

-:O:-

Ali por 1938, havia um capitão com fama de louco; mas era mentira.

Uma vez, um recruta (no caso eu mesmo) ia passando muito "jeguemente", quando foi chamado pelo referido oficial:—

— Vá ali àquele prédio e na 2a. porta à direita pegue minha capa.

— Sim senhor, pegue sua capa.

Quando o "zunga" (com forte cheiro de almoxarifado) atingia os primeiros degraus da escada, foi chamado, novamente, pelo oficial:

— Onde vai você, recruta?

— Vou aqui ao prédio novo...

— Então aproveite e traga minha capa.

-:O:-

Dizem que quando um oficial da Missão Francesa foi assassinado, alguns oficiais da F.P., que assistiram à ocorrência, foram à França prestar esclarecimentos no inquérito aberto pelo Ex. Francês. De regresso, um tenente foi dar conta da missão ao Cmt. Geral.

Achava-se no gabinete de S. Excia.; entrou um alferes (2.º tenente), despachou qualquer coisa e retirou-se. O tenente "francês" (tinha estado 10 dias em solo gaulês) quis demonstrar que observara bastante coisa na viagem, e disse sentencioso:

— Meu Cmt., aqui não se dá muita importância a um alferes mas V. Excia. precisava ver na França. Os franceses mostram muito interesse pelas coisas públicas. Um simples alferes é citado constantemente nas conversas de rua. Tôda hora, ouve-se: — Mesalfère, (Mes affaires) lesalfère (les affaires)...

Nesta pequena história não haveria necessidade de se proteger identidade de pessoas vivas ou mortas. Entretanto, para não fugir à regra, vamos atribuir nomes muito comuns. Qualquer coincidência será mera realidade...

Prisão Movimentada

Ten. PAULO WILSON

— Acorde, João! Acorde logo! Tem ladrão em casa!

Ao mesmo tempo que pronunciava estas palavras, minha mulher, nervosamente, me sacudia, tentando fazer-me abrir os olhos sonolentos. Inicialmente pensei que estivesse tendo um pesadelo, mas depois de alguns segundos, como ela insistisse, despertei assustado.

— O que foi, Maria? Hem? Como? Ladrão? Não é possível! Você está sempre vendo coisas...

— Homem de Deus! É ladrão mesmo... Eu escutei o barulho Ai, meu Deus, o que vamos fazer? Onde está a sua espingarda? Parece que ela ficou na gavetinha do armário do banheiro! E agora?

Não, não podia ser ladrão dentro de casa. Rápidamente fiz a "contagem inversa" das providências que todas as noites tomava antes de ir para a cama. Fechara todas as janelas, correra a chave nas duas portas, pondo a trava invisível nas fechaduras (idéia minha com patente), encostara o bujão vazio da gás na porta da cozinha, como medida de segurança. Nada fora esquecido; portanto, era quase impossível que algum amigo "meu" (aquí leia-se: "do alheio", porque no presente caso EU sou o alheio) tivesse vencido tôdas as barreiras idealizadas dentro dos padrões USARCARIB. Entretanto, a melhor política no momento era concordar com

minha mulher, pois, de outro modo, a coisa iria longe.

— Calma, Maria. Tome um pouco de fôlego e conte-me o que você ouviu. Foi dentro de casa ou na rua? Não seria algum gato no telhado? Ou seria o Zeca voltando tarde depois de uma das bebedeiras contumazes? Olha que quando êle vem tarde com o "espírito" no côco, a mulher dele perde a linha...

— Não, é ladrão mesmo! Eu ouvi bem. Começaram a conversar baixinho no jardim e agora já devem estar dentro da sala! Você fechou a porta do quarto também? Deu duas voltas na chave?

Já começava a considerar o assunto um tanto cômico, quando ouvi alguém assobiar, como que em código. Logo depois, algumas palavras abafadas, passos rápidos, parada brusca, novos passos. O despertador marcava duas e meia. Lógicamente pude ver a hora porque os ponteiros eram luminosos. Novos assobios. Talvez fôsse coincidência, mas, justamente naqueles dias houvera uma onda de assaltos e violências em tôda a cidade. O meu espírito policial-militar começou a funcionar "ex-ofício" e, movido mais pela curiosidade do que pelo próprio, levantei-me e fui até a veneziana, olhando pelas frestas, tentando adivinhar o que se passava na rua. Abri o mais que pude os olhos (talvez diafragma 1.5), mas a escuri-

dão era total. Todos dormiam tranqüilamente e não havia iluminação pública (casa de milico!). Depois de alguns momentos, pude distinguir três vultos suspeitos junto a um muro (lembrei-me, então, do Manual Prático do Policial — Detenção de indivíduos em atitudes suspeitas junto à janelas, muros etc., durante à noite). E, não havia dúvida: o DEVER acima de tudo! Tinha a obrigação legal e moral de tomar providências. Que falta fazia um telefone naquêle momento. O número sabia de cor: 32-71-71, porém... Resolutamente (será que foi?) vesti a roupa e calcei o sapato. Minha mulher, espantada, perguntou-me o que iria fazer:

— Ué, onde você vai?

— Vou ver que diabo estão fazendo aquêles marmanjos.

— Sòzinho?

— Mas é claro, a não ser que você queira vir comigo!

— E as crianças?

— Então fique.

— Você está louco? Daqui você não sai! Quer me deixar viuva com os dois pequenos?

— Não seria mau! Promoção póstuma, pecúlio, pensão da Caixa Beneficente, o pelotão prestando o "em funeral"... (tudo, naturalmente, dito com ar completamente trágico).

— Isso é sério ou brincadeira? (já querendo chorar, agarra-se em meu braço) Não, não vá Joãozinho... é... é perigoso...

Querendo impressionar, faço cena:

— E' preciso que eu vá! Vivo de enfrentar o perigo! (e que "perigos"! Você não deve me impedir de sair. O dever me chama (mas, que dever inconveniente! Bem que êle poderia me chamar durante o dia, mas, até parece

que o dever é doença: só chama de madrugada!)

— A chave? Onde está a chave? Preciso dela para sair. Onde você a colocou? Debaxo do criado-mudo? Mas que lugar!

E, assim, depois de muito vai não vai, consigo sair do quarto. Desço a escada silenciosamente, um tanto arrepiado. Ainda ouço minha mulher sussurar: pegue a "espingarda"! E é o que faço. Na sala pego a pistola Walther (naturalmente). Será que ela não vai engasgar na horinha? Chiii! Esqueci de trocar a munição velha pela verdinha do S.M.B.. Que azar! Abro a porta dos fundos e saio para o quintal. Pé ante-pé vou até o jardim. A todo o momento parece surgir um ladrão, todo mascarado, com um revólver na mão e com um saco nas costas (recordações da infância, talvez) Chego ao jardim e olho para a rua, mas nada vejo. A noite está propícia para um futuro conto policial: escuridão completa, o vento uivando sôbre as ramagens, o cachorro do Zeca uivando de fome, um gato preto passando correndo sôbre o muro... Um grito rasga a escuridão. Não, não foi um grito, foi alguém que ligou um rádio no momento exato em que o Neil Sedaka cantava o seu "OH CUPIIIIIDO". Pelo terceiro processo de caminhar à noite (será que existe êste processo de caminhar à noite, no C-7-10?) vou até o portão. Será que êle vai ranger? Observo atentamente a rua. Naturalmente lembro-me de que à noite o vigia ouve muito mais do que vê, mas, assim mesmo, sinto que os olhos quase saem das órbitas tentando ver no escuro. Lá mais embaixo, apenas um dos vultos permanece estático. Os outros dois já haviam desaparecido. Faço um rápido estudo da situação e de-

pois das célebres perguntas: para onde, quando, como e por onde vou, resolvo fazer uma rápida progressão até o local onde se encontra o marginal. Aproveitando a escuridão e o abrigo oferecido pelo muro da casa ao lado, de um lance atravesso a rua. Abrigando-me das vistas do inimigo, digo, do ladrão assaltante, chego até um local que se presta para uma excelente base de partida para o ataque e prisão do fora da lei. Sinto meus dedos crisparem-se, o coração bater mais depressa (de acôrdo com certa revistinha) isto significa mais açúcar no sangue. Penso que o meu ficou como melado). Ao mesmo tempo já me sinto notícia. Morto ou vivo terei meu nome publicado pela imprensa (naturalmente, se morrer, na secção fúnebre: centímetro a Cr\$ 250,00). Rápida-mente preparo-me para a última arrancada. Vem-me à mente o programa em série da televisão, quando o mocinho diz: "a força a serviço da lei". E' emocionante! (Ih, ia me esquecendo de destruir a Walther. Será que é para a frente ou para traz que destrava???) E' chegado o momento. A sorte está lançada (aquí seria melhor dizer em latim, mas, como o próprio Papa está resolvido a abolir essa língua nas cerimônias litúrgicas ou melhor, com medo de errar, digo em português mesmo!) De um salto me aproximo do homem. E' o climax da luta da lei contra o crime!

Ao me ver o assaltante corre desesperadamente, entrando no jardim diante do qual estacionara. Já mais animado, corro no seu encalço, segurando a arma (até agora não sei se com o cano voltando para frente ou na minha própria direção). Com palavras que não deixam margem a dúvidas, intimo o ladrão a se render. Que emoção: o primeiro ladrão que eu prendia em tô-

da a minha longa carreira de policial-militar! Mas, ali estava êle: prêso e bem prêso.

Quase em tom de súplica, êle se dirige a mim:

Por piedade, não me mate! Eu lhe entrego tudo! Tenha piedade de mim e de minha família! Eu sou um pobre... (Não consegui entender o final da frase).

— Vamos, saia daí com as mãos e não tente nenhum truque, caso contrário sua cara vira peneira, malha 9 mm. Vamos, seu patife!

— Eu saio, eu saio, mas, não me mate!

E lá vem êle. Passa bem rente de mim, mãos sôbre a cabeça. Sinto quase o seu hálito. Acompanho-o, com a arma encostada em suas costas. Enfim, a vitória da lei contra o crime. Mais uma vez triunfa o bem contra o mal. Ouço como que uma marcha triunfal de Beethoven (Se não existir, é só trocar o nome do autor, como por exemplo Caco Velho) Rápida-mente conduzo o marginal para o portão de minha casa. Já existe uma pequena platéia para ver a "fera". Os vizinhos na janela, o Zeca gesticulando. Todos queriam ver um ladrão bem de perto. Com o pé empurro o portão. Nas melhores tradições policiais, com o cano da arma obrigo o homem a entrar e se dirigir para baixo de um foco de luz. Emoção absoluta!!!

O fim desta história seria, naturalmente, a chegada do carro de prêsos etc. etc., porém não foi assim! Acontece que até hoje estou tentando vencer o meu vizinho que a função de um policial-militar não consiste em prender pacatos cidadãos que, nas silenciosas horas das madrugadas, diante de suas próprias casas, se comprazem em "ouvir estrelas"!!!

Veterano do Contestado

em MILITIA

Alfredo Nogueira Junior, general de divisão, participou ativamente da campanha do Contestado e agora escreve em MILITIA um pouco do que observou. O autor pertenceu ao célebre Destacamento de Ataque da Coluna Norte e o trabalho publicado adiante não é senão trecho de substancioso estudo sôbre a campanha.

Como se sabe, quatro colunas, sob o comando do general Setembrino de Carvalho, lutaram de 1912 a 1916, para pacificar aquela região sulina. 6.000 homens do Exército, além das P.M. dos três Estados do sul e inúmeros civis, empenharam-se na luta. Foi então que, pela primeira vez na história do Brasil, se empregou a aviação em operações de guerra, coisa ainda nova no mundo inteiro.

Na intrusão do Destacamento de Ataque, o autor percorreu 114 quilômetros, através das picadas que a tropa ia abrindo na floresta. Em tais condições, varou o mato durante oito dias, empenhando-se ainda em freqüentes combates. Dos 596 homens que iniciaram a marcha, morreram 62, além de 94 que receberam ferimentos graves e mais 160 levemente feridos — o que quer dizer que poucos saíram incólumes. Ao findar a campanha, 292 legalistas haviam morrido, incluindo-se 23 oficiais.

Como o Contestado nos trouxe maiores prejuízos que Canudos, foi apresentado recentemente projeto à Câmara de Deputados, visando conceder vantagens aos poucos sobreviventes da luta.

CAMPANHA DO CONTESTADO

O diligente patriota Gustavo A. Jansson, filho do autor da pôse que publicamos, enviou providencialmente uma peça histórica de magnifico esplendor e grande valimento, cuja existência era insuspeitada. Nicolau Fernandes, mais conhecido por Lau, também contemporâneo dos figurantes na velha fotografia e chefe de um dos grupos *vaqueanos* que atuou até o final das operações da campanha, incumbiu-se, agora, de identificar aqueles valentes.

Para MILITIA escreve

Saibam todos, e se recorde a Pátria, dos servidores abnegados

a que devemos, em grande parte, o restabelecimento da ordem na gleba altaneira dos pinheirais nativos: aí estão figurando em maioria os que morreram ou receberam ferimentos nas lutas sangrentas que ainda ecoam na lembrança dos sobreviventes. Por certo, a fotografia corresponde a um dos grupos de *vaqueanos* de Leocádio Pacheco, tirada em sua Fazenda dos Pardos e antes de figurarem na Coluna do Norte para a operação do Salseiro, equidistante de Canoinhas e Três Barras, isto é, precedendo a 26 de outubro de 1914. Dêsse grupo de dezenove pioneiros, três morreram em ação, nove receberam ferimentos graves ficando mutilado um deles, do braço direito.



JOÃO MARIA DE JESUS - O Monge da Lapa

Uma vida inteira de retiro e meditação, com raras peregrinações, assinalou a passagem de João Maria de Jesus pela zona serrana dos Estados do Sul. E' tal o mistério criado em tórno de sua personalidade revestida por aura de bondade e o modo por que surgia nas localidades nascentes e delas se afastava repentinamente, que o vulgo lhe atribuiu côres sobrenaturais. As indicações mais remotas no-lo mostram em registros anos de soberba realidade, como se poderá encontrar no Livro do Tombo n.º 2 da paróquia de Santo Antônio da Lapa, no Estado do Paraná, e corresponde aos tempos que foram de 1840 a 1850, segundo anotou o respectivo vigário da época. Tinha predileção pelo ligeiro abrigo de uma lapa saliente que lhe serviu de abrigo,

pelo menos até o momento em que a legendária cidade sofreu o assédio dos federalistas, nos primeiros meses de 1894. Em 1906, êle ainda era vivo e passou em União da Vitória. Esteve em Canoinhas, SC, e em muitos outros lugares, do Paraná, de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul, ficando assinalada sua presença por cruzeiros evocativos, ainda encontrados na atualidade.

A obscuridade existente em tórno do seu aparecimento, anterior a 1840, também envolve a do seu

A. Nogueira Junior

desaparecimento, empós 1906: dizem uns que êle se recolheu a Mato Grosso, quando o influxo daninho de José Maria de Agostinho

A partir da esquerda: capitão Leocádio Pacheco (morto); Fortunato dos Santos; Antônio Fortes (mutilado); Infâncio Pereira (morto); Jerônimo Floriano (morto); João Maria Branco (ferido); Manoel Marcelo; Holandês; Pedro Rodrigues (ferido); Francisco Corá; Carlos Cornelsen; João Branco; Antônio Nascimento; Olímpio Rocha (ferido); João Correntino; Antônio Corá (ferido); João Corá;

Vitor Crescêncio (ferido); José Luiz dos Santos (ferido).

Quando alguém estudar os acontecimentos distantes dessa guerra interna, desde que o faça animado pela coleta de ensinamentos militares e espírito de justiça, evidentemente acolherá com admiração e respeito ao estudo da influência que as organizações militares eventuais trouxeram à conclusão vitoriosa.

já prenunciava os acontecimentos sangrentos que enovelaram o Contestado por mais de onze anos; outros, o teriam visto nas vascas da agonia ao longo da ferrovia, perto de Ponta Grossa. Crivelaro entende que êle seria de falar espanholado cujo nome verdadeiro se identificara em Anastas Marcaf. Não nos foi possível comprovar qualquer das lendas. Conhecêmo-lo, em Pôrto União, em nossa infância, sem, contudo, poder distinguir a entonação de voz: era-nos apenas o "monge" João Maria, não se acolhendo a nenhuma habitação, muito embora manifestasse grande simpatia ao Cel. Amazonas palmas. Entrava no convívio da população que o estimava e acatava os conselhos. Não fazia prosélitos, nem admitia ajuntamento de séquito. Onde havia ermidas êle ia fazer suas orações. Não pedia auxílio, apenas aceitando alguns alimentos vegetais. Conduzia um oratório portátil, como se percebe em várias fotografias. Uma destas, a mais antiga aliás, traz a inscrição esclarecedora de que se encontraria com 188 anos de idade, tendo servido à modelação do BUSTO, que é de autoria do professor José Pereira Barreto, destacado escultor do Museu Nacional de Belas Artes.

Não resta a menor dúvida que seus antecedentes históricos podem ser vinculados ao aparecimento da Lapa, antiga vila do Príncipe, determinante lógica do êxodo que sofreu o velho "REGISTRO" do Iguaçu, no lugar de travessia das

tropas, vinculado à cobrança do imposto do gado em trãnistô para São Paulo. Este lugar não tem precessão a 1740 e, certo, obedeceu à atração do asceta vizinho, ou de algum antecessor. Se analisarmos bem, deveremos convir na aceitação de uma data posterior a 1870, para a fixação da fotografia, pois que o aparecimento do processo de fixação ainda não havia atingido a perfeição, pelo menos até 1850, e de vulgarizamento no sertão. Hemetério Veloso da Silveira, em "As Missões Orientais", diferindo o nome para João Maria de Agostinho, mostra um "monge" nas cercanias de Santa Maria da Boca do Monte, no Botucaraí, depois enviado preso ao RIO, por ordem do Barão de Caxias, justamente no decênio do seu aparecimento na Lapa. Há informações de que um indivíduo com semelhança, vindo do Sul, esteve anatematizando a dissolução dos sebastianópolis, justamente ao tempo, surgindo logo a peste bubônica. E' conveniente não ligar as personalidades. João Maria de Jesus, não era agitador e nem ameaçava a quem-quer. Foi o "monge bom". Seu nome é recordado com saudade pelos habitantes do Planalto Araucariano, desde os campos de Castro e Guarapuava, até as lindes da Vacaria e Cruz Alta. Sua influência foi benéfica e necessária, na época em que os bandos aventureiros cortavam o sertão e impeliavam nossas fronteiras para o oeste.



SANGUE É SANGUE · «FIGLIO»

Teñ. EVANDRO FRANCISCO MARTINS

Foi naquele terreno pobre — precisamente no terreno dos Bergamascos — que os técnicos foram descobrir o local adequado para instalar a torre da emissora de televisão, para retransmissão em cadeia. Gente simples, os Bergamascos, vindos da Europa logo após a primeira guerra.

O velho não foi exigente, quis apenas — no que foi atendido — que se levantasse uma casa modesta para um dos filhos e que êste fôsse encarregado da guarda das instalações, bem como do contrôle da nitidez da imagem e do som.

Tudo instalado, tudo em ordem, boas retransmissões, a família nos serviços de sempre: amanhã da terra, empalhamento de assentos de cadeiras e, vez ou outra, leitura de carta de Roma, enviada por frei Cirilo, um filho que completava estudos na Santa Sé. Além disso, uma ou outra escapadinha dos mais moços até as instalações da torre de retransmissão, para assistir a um ou outro programa.

Aos domingos, porém, tudo mudou. Após a missa, todos se reuniam em tórno do aparelho, até o fim das transmissões esportivas.

Assim foi indo. Certa noite, o velho Bergamasco, que se orgulha de ter sido soldado em 1914 e ferido no campo de batalha, mudou seus hábitos, isto é, em vez de sentar-se à soleira da porta, tirando pachorrentas baforadas de seu cachimbo, observando em silêncio a cidade lá em baixo, tôda quadriculada em mil luzes tremeluzentes, destacando-se a cruz azulada da catedral tôda branca, foi até a sala do televisor piloto. Filhos, netos, genros, noras, saparia, todos se levantaram e cada um quis ser mais gentil, oferecendo-lhe um bom lugar. Escolheu um canto, sentou-se e ali ficou.

Num programa de assuntos internacionais, focalizou-se no vídeo o Vaticano e, dali, passou-se para a praça de São Pedro, penetrou-se na grande catedral, tôda repleta, e viu-se Pio XII no sacrifício da missa. Num determinado momento, o velho Bergamasco, para surpresa de todos, salta de sua cadeira, clamando em voz alta: “Frei Cirilo, frei Cirilo, *mio figlio*.” Voltam-se todos para êle e o mesmo acalma-os, esclarecendo que vira, meio de costas, frei Cirilo auxiliando a missa rezada por Pio XII. Ninguém quis contestar o patriarca, mas todos julgaram possível um engano, pois a retransmissão não estava muito perfeita, a pessoa fôra vista quase totalmente pelas costas e tal...



Especialização Americana

Sgt. ANTÔNIO RAMOS

“DOGS DEPARTMENT DIED”
ou “DIED DOGS DEPARTMENT”...
Não importa! Em português seria: DE-
PARTAMENTO DE CACHORROS MOR-
TOS, ou, melhor dizendo: DEPARTA-
MENTO DE CÃES MORTOS. Era no 17.º
andar do prédio 817, na 5.ª avenida, em
Nova Iorque. Do início do corredor,
já se ouviam os ruídos da máquina de
escrever da mesa de Johnny e das gar-
galhadas, às vèzes estridentes, de mr.
Wallace, o diretor. É que êle, envergan-
do um avental branco como a neve, a
boca no seu movimento incessante de
um fole, a mastigar seu “sewing gum”,
os enormes pés sôbre a mesa, lia um li-
vro de ingênuas anedotas inglêsas. Não
ria das anedotas, mas da ingenuidade,
parece.

Em dado momento, soa o telefone.
Johnny, curioso, presta atenção aos “yes”
e “all right” do chefe. Após alguns ins-
tantes, êste transmite-lhe a ordem: diri-
gir-se à 14.ª avenida, confluência com a
rua Abraham Lincoln. Há lá um cachor-
ro morto no méio da rua. Está esmaga-
do pelos autos. Já começa a ser alvo das
moscas. Dizem que está com péssimo
aspecto.

→ O velho não cabia em si de contente, e assim ficou por mais uns dias. Não demorou para que sua alegria transbordasse. Dias após, em avião, chegava para a família uma carta de Roma, de frei Cirilo. Bergamasco, sôfrego, rasgou o envelope, devorou as primeiras linhas e, numa explosão de júbilo, bem à maneira latina, deu forte tapa nas costas do filho que estava mais próximo e gritou: “Sangue é sangue, *figlio*, não é água.” E sentado em uma cadeira, a um canto, pôs-se a chorar de emoção. Passados os primeiros instantes, Abílio, o mais moço dos irmãos, aproximou-se, pegou a carta pendente das mãos do velho, leu-a e, em meio, havia mais ou menos isto: “Meu pai, há poucos dias, tive a suprema honra de acolitar o santo padre em sua missa”... →

No mundo das letras

«ALEPO» Mensagem cultural da coletividade levantina

ALEPO, cidade da milenar RAU, deu origem ao nome da publicação cultural surgida recentemente em São Paulo. «Alepo» é uma revista mensal da coletividade árabe reunida no Clube Alepo desta capital. Editada em várias línguas, tem por escopo divulgar coisas do mundo árabe e assuntos culturais em geral. A Fôrça Pública do Estado, que tem entre seus componentes inúmeros milicianos de origem árabe, recebeu com agrado a nova revista. E' com prazer, portanto, que MILITIA registra seu aparecimento.

Em seu número 1, de julho do ano findo, Alepo traz colaborações em português, árabe, espanhol, francês, italiano e inglês. Os trabalhos são publicados na língua em que foram originalmente escritos. São trabalhos de economia, literatura, filosofia, história, música, medicina, sociologia, culinária, artes, arqueologia, esportes e um noticiário variado.

De um livro no prelo — «Alepo», de Ricardo R. Blanco — publica um capítulo sobre a história do Egito, de 1580 a 1085 A.C. Entre outras coisas, mostra o autor como o Faraó Tutmés I percebeu a importância estratégica de Alepo, a «porta do Egito», já 1580 anos antes de nossa era. Prossegue afirmando que conquistadores posteriores, como os Ptolomeus, os cruzados, Napoleão e outros, mesmo na primeira

guerra mundial, não fizeram «senão imitar em seus feitos estratégicos, o velho faraó».

Assunto de grande atualidade é o do sr. Jorge Safady: «19 Templos Faraônicos Serão Submersos pelas Águas da Barragem de Assuan». Trata da preservação de pequenas peças que podem ser removidas, documentação fotográfica dos monumentos condenados à desapareição etc., que vem movimentando, não só a Secretaria de Arqueologia da RAU, mas estudiosos de todo o mundo. O autor destaca o trabalho de entidades especializadas da Holanda, Alemanha, Itália e Polônia, além da UNESCO, atendendo ao pedido da Secretaria de Arqueologia, no sentido de se proceder o registro da totalidade dos documentos existentes. E' um sacrifício exigido para o aproveitamento de vasta área do vale do Nilo, que será arancada ao deserto, para beneficiar a maioria da população.

Após um breve «okay» de acatamento à ordem do diretor, Johnny se dirigiu ao local, ao som alarmante da sirene do auto, que, ao mesmo tempo que serve para abrir caminho em meio ao trânsito é instrumento de propaganda dêsse tão importante órgão do governo.

Alguns minutos decorridos, de volta ao Departamento de Cães Mortos, Johnny apresenta a novidade:

— Não pudemos trazê-lo...

— Por quê? A viatura encencou no caminho? Esqueceram-se vocês dos instrumentos para retirar o cão? Que houve?!!

— Nada disso, chefe. É que quando removíamos o cão, descobrimos que não era cão. Era gato...

Publicações

A DEFESA NACIONAL, revista de assuntos militares e estudos brasileiros — Rio de Janeiro, nos 543 e 544, de outubro e novembro de 1959. Diretor-presidente: gen. João Batista de Matos; diretor-secretário: cel. Airton Salgueiro de Freitas; diretor-gerente: ten. cel. João Capistrano Martins Ribeiro.

REVISTA MILITAR, das Forças Armadas Equatorianas — Quito, n.º 2 da época VIII, abril a junho de 1959. Dirigida pela Chefia do Estado Maior Geral das Forças Armadas do Equador, Escritório de Publicações Militares.

AÇÃO DEMOCRÁTICA, boletim mensal do Instituto Brasileira de Ação Democrática — Rio de Janeiro, nos 6 e 7, novembro e dezembro de 1959. Distribuição gratuita. Diretor responsável: Sérgio D. T. Macedo.

BOLETIM INFORMATIVO CRUZEIRO DO SUL, do Centro Social dos Cabos e Soldados da Força Pública — São Paulo, n.º 1, agosto de 1959. Diretoria: presidente — sd. Oírasil Werneck; vice-presidente — João Claro de Arruda; 1.º secretário — sd. Orlando de Sousa; 2.º secretário — Joel Correia dos Santos; 1.º tesoureiro — Joel Francisco Xavier Filho; 2.º tesoureiro — Cabo Benedito Pereira Costa; 1.º bibliotecário — sd. Antônio Pinto; 2.º bibliotecário — Expedito Barbosa dos Reis.

REVISTA MILITAR BRASILEIRA, da Secretaria do Ministério da Guerra — Rio de Janeiro, n.ºs 3 e 4, julho a dezembro de 1959. Diretor: gen. João Batista de Matos, secretário do Ministério da Guerra; subdiretor: cel. Firmino Lages Castelo Branco, chefe do gabinete da S.M.G.; secretário: ten. cel. Roberto Sattaminl Ferreira.

ALEPO, revista mensal de divulgação cultural, do Clube Alepo — São Paulo, n.º 1, julho de 1959. Editada em português, árabe, espanhol, francês, italiano e inglês. Diretor responsável: Farid Riskalla Dagli; redator-chefe: Jorge S. Safady; secretário de redação: Vilma Zaidan; diretor administrativo: Antônio R. Sabbag.

ESSEPEVÊ, órgão bimestral da Diretoria de Rotas Aéreas — Rio de Janeiro, nos 28/29, setembro/outubro de 1959. Supervisor: ten. cel. av. Paulo Salema G. Ribeiro; superintendente: Ottaecilus S. Amazonas; redator-chefe: Odaír de Oliveira — 3S; secretário geral: José Fernando Cristelo Pinheiro.

FUERZAS ARMADAS DE VENEZUELA, órgão mensal do Ministério da Defesa da Venezuela — Caracas, nos 155 e 156, de maio e junho de 1959. Diretor: cel. Raul Antonio Croce Roa; chefe de redação: cap. Eneio Gonzalez Medici.

O ANFIBIO, jornal mensal dos fuzileiros navais — Rio de Janeiro, n.º 32, novembro de 1959. Editor responsável: cap. mar e guerra Leônidas Teles Ribeiro; supervisor: cap. corveta Clemente José Monteiro Filho; redator-chefe: cap. ten. José Gonçalves da Fonseca; secr.: 1.º ten. Décio Duarte da Silva; tes.: 1.º ten. João Pais de Lima.

Recebidas

quando um dia partiste

juraci magalhães s. fernandes

quando um dia partiste
meus olhos marejaram
e tristes foram minhas lágrimas
no dia em que partiste

quando um dia partiste
o mundo pareceu-me acabar
e a vida não ter mais sentido
no dia em que partiste

a natureza sorria tudo era belo
o sol brilhava tudo era luz
os pássaros cantavam tudo era vida
antes de tu partires

mas um dia partiste

desvairado
num último alento
ainda senti perfume nas flôres
ouvi o sussurro da cascata
e o sorriso inocente das crianças

perfume essência da alma
sussurro que afirma eu persisto
sorriso que diz sou porvir

então o sol e a cascata
os pássaros e as flôres
a natureza a sorrir
mostraram-me que nada mudara
tudo continuava como antes

apenas tu havias partido

C. F. A. — encerramento dos cursos

O governador fala sôbre a corporação

Por ocasião das solenidades de encerramentos dos cursos que funcionam no Centro de Formação e Aperfeiçoamento da Fôrça Pública, na manhã de 15 de dezembro, quando se comemorou o 128.º aniversário de fundação da milícia, o governador Carlos Alberto A. Carvalho Pinto proferiu um discurso que obteve bastante repercussão, em face dos conceitos emitidos. MILITIA pública abaixo, sem comentários, aquela oração, em que S. Excia. se refere a notícias veiculadas sôbre a situação disciplinar da Fôrça, precisamente num momento em que vários órgãos da imprensa divulgavam acontecimentos relacionados com a corporação, os quais abalaram a opinião pública, muito embora nossos milicianos continuassem a trabalhar no anonimato, como sempre, em defesa do público.

COM A PALAVRA O GOVERNADOR

Foi a seguinte a oração do chefe do Exécutivo estadual:

“Sejam as minhas primeiras palavras de congratulações e agradecimentos. Congratulações com a gloriosa corporação fundada pelo brigadeiro Tobias de Aguiar, no instante em que atinge o 128.º aniversário de sua fundação. Essa venerável idade empresta-lhe o caráter de verdadeira instituição, repleta de serviços a São Paulo e ao Brasil. Mas uma instituição justamente tem esse caráter pela sua capacidade de renovar-se. E hoje estamos entregando as espadas a mais uma turma de aspirantes a oficiais, que sumamente me honrou com o convite para seu patrono. Aos componentes da turma o agradecimento do governador, de par com os votos de que nessa escola de civismo e de brasilidade, que é a milícia paulista, colham os mais assinalados triunfos.

Ao fazê-lo quiseram os jovens aspirantes do Centro de Formação e Aperfeiçoamento, que agora recebem suas espadas, testemunhar seu apreço ao chefe do Estado, por imperativo da lei seu comandante supremo, dando um exemplo de respeito e acatamento aos poderes constituídos. E, assim, bem se iniciam na sua carreira, que é o serviço da ordem e da lei.

Esses auspiciosos acontecimentos propiciam-me recordar ainda uma vez que vivemos uma hora inquieta e perigosa. As paixões encontram campo propício para medrar, diante das dificuldades que o povo enfrenta, avassalados pela infração, que destrói salários, solapa as famílias, torna nebuloso o futuro. Não obstante, São Paulo vem-se constituindo, neste governo, uma verdadeira ilha de paz. Uma a uma, as tentativas de agitação social, envolvendo tenebrosos planos, que visam, em última análise, ao próprio regime constitucional, como ainda se viu na tentativa do último dia 2, foram desfeitas e der-

rotadas em São Paulo. Porque, sabe-o o povo paulista, o governo do Estado não é omisso e em tudo que está ao seu alcance, sem poupar vigílias e cansaças, vem procurando minorar as atuais dificuldades da vida. E' o objetivo primeiro do Plano de Ação, pois a carestia não pode ser contida com palavras ou imprecações, mas através de medidas objetivas que levam ao aumento da produção, à abundância e barateamento dos gêneros de primeira necessidade, à tranquilidade social, enfim.

Entretanto, para que esse exemplo de São Paulo seja oferecido à Nação, o governo tem contado, dia a dia, com a colaboração decisiva de suas polícias militar e civil, atentas à defesa de lei, prontas na manutenção da ordem, voltadas à sua missão constitucional, que envolve, desde a preservação dos direitos dos cidadãos à da autonomia política do Estado. Por isso, não havemos de permitir que agitadores contumazes, inimigos também de São Paulo, que querem a casa dividida, solapem o espirito de disciplina, sobre o qual as corporações assentam a majestade de sua missão, dentro do Estado e dentro da sociedade.

Estou certo de que a Fôrça Pública, fiel às suas tradições de 128 anos de lutas e de glórias, está mais do que nunca ciente da grande responsabilidade que lhe cabe, numa hora que exige tôda a dedicação, tôda a disciplina, todo o senso do dever, único caminho através do qual poderemos vencer as dificuldades presentes. Eis as palavras que dirijo a todos os seus componentes, da ativa e da reserva, e em particular aos jovens oficiais que hoje recebem suas espadas, reafirmando-lhes que o governo a Fôrça Pública pode confiar no que confia na Fôrça Pública e que governa”.

Experiência com inflamáveis e vários tipos de extintores — A difícil prova da torre água e minúcias no emprêgo do material.

Demonstração de incêndio e salvamento por bombeiros profissionais e auxiliares

Expressiva demonstração de extinção de incêndio e salvamento realizou-se em meados de novembro último, em nossa capital, por componentes do Corpo de Bombeiros, juntamente com bombeiros auxiliares civis, por ocasião do encerramento do curso para sargentos e bombeiros auxiliares. Extintores de vários tipos, jatos, neblina — tudo foi utilizado com êxito, diante de inúmeros curiosos. Com técnica e arrôjo, os participantes da demonstração empregaram a moderna equipagem existente no Corpo, enfrentando as chamas especialmente ateadas para aquê-le fim.

EXPERIENCIA

Na ocasião, os alunos do curso efetuaram experiência de extinção de incêndio em álcool. 200 litros daquêle produto foram incendiados em recipiente metálico de grande superfície. Entraram em ação os extintores utilizados contra fogo em inflamáveis.

Em primeiro lugar, experimentou-se o de gás carbônico. Aquela substância sai do extintor em forma de neve carbônica, à temperatura de 40 graus centígrados abaixo de zero. Destina-se a apagar o fogo pelo resfriamento e pelo abafamento, com a camada sólida que se deposita sôbre o combustível em ignição. Não surtiu efeito.

Empregado o extintor à base de pó sêco, as chamas foram debeladas com facilidade. Abafada a matéria em combustão, isto é, isolado o combustível do oxigênio do ar, extinguiu-se o fogo. Tal experiência já fôra feita outras vêzes pelos nossos homens do fogo e o resultado não era desconhecido. Entretanto, serviu não só para mostrar a perícia com que os alunos manejam os aparelhos, mas também para maior familiaridade de todos com os diversos casos de incêndio em inflamáveis e os diferentes meios de combate às chamas

OS EXTINTORES

Os dois tipos de extintores mencionados acima são empregados em larga escala. Em vários inflamáveis o de gás carbônico é aconselhado para debelar as chamas. Em certos casos, requerer-se o outro. Um terceiro extintor que também esteve em ação e é muito usado em veículos, foi o de espuma. É eficiente mas, em motores, por exemplo, deixa espessa camada de resíduos, cuja remoção é trabalhosa. A espuma dos extintores normalmente usadas é química, ou seja, formada de minúsculas bolhas de água cheias de gás carbônico. É espuma compacta, que adere à superfície dos objetos.

NO ALTO DA ESCADA MECÂNICA (45 m)

Prova sempre repetida e sempre emocionante foi a do trabalho no topo da escada mecânica, armada em tôda a sua extensão de 45 metros. Ali, os homens do fogo deram mais uma demonstração de agilidade e perícia.

Armada uma linha (conjunto de lances de mangueira) nos degraus da escada, formou-se a chamada *torre d'água*. Do alto, o "requinte" (aparelho ajustado na extremidade da linha para dar forma ao jato) atirava água sôbre o fogo, da distância adequada para o máximo aproveitamento do jato. É manobra difícil, executada por bombeiros intensamente treinados.

EMPREGO DO MATERIAL

Os presentes tiveram oportunidade de verificar o emprego do material dos bombeiros nos mais diversos casos. Assim é que se empregou o jato compacto, bem como a neblina de secção obtida com alta pressão. Foram usadas mangueiras de 2,5 polegadas e de 1,5, assim com mangotinhos de borracha, de diâmetro reduzido. Estudou-se o alcance do jato sólido em cada um dêles, a formação de neblina, a maneira de empunhá-los etc.. Em tudo, os alunos revelaram bom aproveitamento do curso.

Com a colaboração de subtenentes, sargentos e cabos, o ten. Moacir Teixeira da Silva Braga dirigiu a demonstração, secundado pelo ten. Bruno Éboli Belo e asps. Sebastião Catai, Alberto Augusto Gaspar e Joecil Camargo Mota. A êles, como aos demais companheiros do C.B. e aos bombeiros auxiliares, os parabens de *MILITIA*.



Potencial previsto 2,5 milhões de quilowatts

- * *Empresas particulares distribuirão energia produzida pelo Estado*
- * *Desvio e represamento do Paranapanema: lago de 22.000 alqueires em Jurumirim*
- * *Financiamento através de instituições diversas*
- * *Controvérsias e abastecimento de municípios de três Estados*

De acôrdo com o plano de ação do govêrno do Estado, empresas particulares distribuirão energia elétrica a ser produzida em quase duas dezenas de usinas hidroelétricas construídas por 3 sociedades de economia mista, cujo capital pertence quase exclusivamente ao Estado. É o Estado, portanto, que arca com as maiores despesas. Para observar as obras em andamento em duas delas — as de Jurumirim e Salto Grande, no Paranapanema — estiveram naqueles locais, no último dia 19 de novembro, nove deputados estaduais, acompanhados de representantes da imprensa e dirigentes da USELPA — Usinas Elétricas do Paranapanema — empresa que constrói aquelas usinas. Além disso, consta do plano de eletrificação uma rede de usinas termoelétricas.

JURUMIRIM: 22000 PRAÇAS DA REPÚBLICA

O desvio do curso do Paranapanema permitirá, com o represamento das águas, a inundação de

22000 alqueires de terra, o que equivale a 22000 vezes a área da praça da República: algumas vezes a baía da Guanabara. É o mesmo que 530000 metros quadrados. Sua potência deverá ser de 98000 kw.

A construção da barragem acha-se em fase adiantada e os trabalhos prosseguem ativamente. Iniciada em 1956, sua construção está prevista para 1961. Com 401 metros de comprimento e 55 metros de altura máxima, tem três comportas de tipo tambor, a serem manejadas por guindaste de pórtico, sobre trilhos. Uma barragem de terra, com 460 metros de comprimento, e 16 de largura será construída numa depressão junto à margem esquerda.

A usina terá uma casa de força de concreto, alimentada por dois "penstocks" (tubulação forçada) e equipada com ponte rolante. Dois geradores trifásicos de 49000 kw, acionados por turbinas, permitirão a potência total instalada de 98000 kw.

SALTO GRANDE EM OPERAÇÃO

Com o nome de Lucas Nogueira Garcez, a usina de Salto Grande, na divisa entre os Estados de São Paulo e Paraná, já está parcialmente construída e com três unidades geradoras em operação. O funcionamento da quarta e última unidade deveria entrar em funcionamento no último mês de dezembro. A potência de cada uma delas é de 17000 kw, o que perfaz o total de 68000, no término dos trabalhos.

A USELPA, com mais de 99% de ações do Estado, fornecerá a energia produzida por aquela usina e as outras do Paranapanema a cinco empresas que a distribuirão em 57 municípios paulistas e 29 paranaenses, para atender a um total aproximado de 1,5 milhão de habitantes, segundo o recenseamento de 1950.

À Estrada de Ferro Sorocabana, a energia deveria ser fornecida diretamente pela USELPA. Entretanto, os técnicos houveram por bem fazê-lo por intermédio da "São Paulo Light". Através de linhas de transmissão da Estrada, administrada pelo governo estadual, a USELPA levará energia à LIGHT, para a empresa canadense operar em várias cidades paulistas da região. A manutenção de outras linhas como a linha de transmissão, de Salto Grande a Presidente Prudente, no oeste paulista, acarreta para a Uselpa mais despesa que a manutenção da própria usina, segundo informaram técnicos da empresa.

"ERRO TÉCNICO"

Um deputado presente apontou um erro técnico na prioridade de construção das duas usinas visitadas: "ao contrário do que deveria ser feito, a construção da usina de Salto Grande, numa parte mais baixa do rio, foi iniciada antes da de Jurumirim". Tal fato haveria acarretado retardamento das obras, em prejuízo do interesse público.

PLANO DE AÇÃO

Com base em estudos anteriores, o plano de ação do governo traçou o esquema das obras a serem concluídas, continuadas ou iniciadas. Como é do conhecimento público, o plano foi recentemente aprovado e sancionado em solenidade levada a efeito na véspera da viagem dos deputados.

Pretende explorar as bacias do Paranapanema, do Pardo, do Tietê e do Paraná, para fornecer um total aproximado de 2,5 milhões de quilowatts. 10 usinas estão ali operando, ou em construção ou por construir. Há várias outras em estudos. Ligações entre as bacias e destas com os sistemas termoelétricos formarão a rede de energia programada para o Estado, do rio Paraná ao Atlântico e do Grande ao Paranapanema.

FINANCIAMENTO

O plano prevê a execução de obras até o fim do quadriênio, em 1962, com 24 bilhões de cruzeiros destinados à eletrificação. Para isso, a USELPA e a CHERP (Cia. Hidroelétrica do Rio Pardo) contam com a colaboração do B.N.D.E. e do "International Bank for Reconstruction and Development".

Por outro lado, a administração estadual chegou à conclusão de que a distribuição da energia deve ser entregue à iniciativa privada. Por isso, forma-se grande rede de usinas hidroelétricas e termoelétricas da USELPA, da CHERP e da CEMIG (Central Elétrica de Minas Gerais), que produzem o suficiente para toda a região centro-sul do país, em colaboração com empresas particulares que se encarregam da distribuição. Há quem observe a participação particular com pessimismo, uma vez que se valem de iniciativa estadual, realizada à custa de aumento de impostos, para auferir grandes lucros. Apontam ainda o exemplo de Paulo Afonso, cuja energia, produzida pelo poder público, é le-



Depois dos fôlgedos, alimentos sadios!

Sopas, cremes, carnes, vegetais e deliciosas sobremesas resultam um maior valor nutritivo quando preparados com "MAIZENA", o alimento preferido pelo seu sabor e digestibilidade.

AMIDO DE MILHO **MAIZENA** MARCA REGISTRADA



TRIANGULO

vada ao consumidor em condições precárias, mas vantajosas para a companhia concessionária. Situação semelhante acarretou descontentamento em Belo Horizonte e provocou a encampação de empresa estrangeira na capital gaúcha.

OUTROS DADOS

Com o presente reportagem MILITIA pretende levar ao conhecimento do leitor uma visão rápida das obras executadas ou planejadas pelo Estado

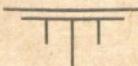
Só o sistema da bacia do Paranapanema, cujo centro de produção, favoravelmente localizado, dista cerca de 300 quilômetros da capital paulista, produzirá uma média anual de 5,5 bilhões de kw/hora, o que equivale a 140% da produção média anual da "Light" desde 1953. O aproveitamento do potencial hidrográfico através de todo o Estado possibilitará às diver-

sas empresas o abastecimento elétrico de numerosos municípios de Minas Gerais, São Paulo e Paraná.

A potência da usina de Chavantes (ex-Itararé), em construção no Paranapanema, deverá ser de 400000 kw; a de Capivara, em estudos no mesmo sistema, de 240000; a de Promissão (bacia do Tietê) projetada, de 226000.

SISTEMAS DE TRANSMISSÃO DA UELPA

Diversas linhas de transmissão foram planejadas, constituindo sistemas da UELPA. O primeiro inaugurado — o de Salto Grande — compreende as seguintes linhas: a) Salto Grande e Bernardino de Campos, 60 km, circuito duplo, para abastecer inclusive a Sorocabana; b) Salto Grande-Presidente Prudente, 180 km, circuito simples; c) Salto Grande-Londrina, 130 km.



Hildebrando Chagas da Silva, bacharel. Nosso incansável companheiro que, durante anos, imprimiu seu dinamismo a MILITIA, antigo bacharel em jornalismo, tendo ocupado já todos os cargos de direção de nossa revista, vem de bacharelar-se também em direito, pela Universidade Mackenzie. Aliás, o cap. Hildebrando, que foi um dos pioneiros deste órgão, também naquela Faculdade está na primeira turma formada por ela.



Na Escola de Jornalismo Casper Libero, da Faculdade de Filosofia de São Bento, esteve ainda entre os primeiros. Espírito ávido de saber, e procurando sempre aplicar o que aprende, levando os conhecimentos teóricos para o campo da prática, nosso antigo redator já tem um sem número de realizações em sua carreira de oficial e homem de ação, seja na imprensa, no forum ou onde quer que se faça preciso. Figurou entre os organizadores dos dois congressos das Polícias Militares realizados em nosso Estado e formou na testa de uma série de campanhas em defesa da classe.

MILITIA não pode deixar de congratular-se com o companheiro de anos, fazendo votos para que prosiga em suas lutas sempre vitoriosas. Entretanto, este órgão dos milicianos espera que suas novas atividades não impeçam o cap. Hildebrando de emprestar seu concurso aos policiais-militares, pon-do sua pena brilhante, como sempre, a serviço das grandes causas.

Capitão Hildebrando. As páginas de MILITIA continuam abertas para seus trabalhos.





Educação Física e Esportes

Direção do cap.

Francisco A. Bianco Junior

Serviço de Intendência campeão de tiro ao alvo

Realizou-se no mês de novembro findo o Campeonato Geral de Tiro da Fôrça Pública, de que participaram equipes de todas as unidades e serviços. Sagrou-se campeão a equipe do Serviço de Intendência. Publicamos abaixo a relação dos cinco primeiros classificados em cada prova e em cada círculo, bem como a classificação por equipes, nas provas de revólver e de fuzil ou mosquetão, e a classificação final por unidade ou serviço.

PROVAS DE REVOLVER

Classificação individual de oficiais

- 1.º lugar — ten. dent. Hamilear Carrame-
nha, do B.G. — 176 pontos
- 2.º lugar — ten. Wassimon Santos Pereira,
do 4.º B.C. — 169 pontos
- 3.º lugar — ten. Flávio Capelletti, do C.P.R.
— 173 pontos
- 4.º lugar — cap. Edson Falco Lacerda, do
Q.G. — 171 pontos
- 5.º lugar — cap. Elío Afonso da Cunha, do
P.M.R.G. — 171 pontos

Classificação individual de subtenentes e sargentos

- 1.º lugar — sgt. René Rodrigues de Olivei-
ra, do 3.º B.C. — 176 pontos

- 2.º lugar — sgt. Antônio Ferreira da Sil-
va, do B.T. — 167 pontos
- 3.º lugar — sgt. Mário Rossi, do 4.º B.C.
— 164 pontos
- 4.º lugar — subten. Tomás Marques, do
C.F.A. — 160 pontos
- 5.º lugar — sgt. Dionísio Alves dos Santos,
da 3.a Cia. Ind. — 156 pontos

Classificação individual de cabos e soldados

- 1.º lugar — cabo Sebastião Garcia, do 4.º
B.C. — 168 pontos
- 2.º lugar — sd. Antônio Baldini, do 8.º
B.C. — 168 pontos
- 3.º lugar — sd. Ernesto Haberland, do 1.º
B.I. — 157 pontos
- 4.º lugar — sd. Osvaldo Antônio dos San-
tos, da 3.a Cia. Ind. — 154 pts.
- 5.º lugar — sd. Raimundo Figueiredo, do
3.º B.I. — 149 pontos

Classificação por equipe

- 1.º lugar — 4.º Batalhão de Caçadores,
Bauru — 507 pontos
- 2.º lugar — 3.º Batalhão de Caçadores,
Ribeirão Preto — 482 pontos
- 3.º lugar — 8.º Batalhão de Caçadores,
Campinas — 475 pontos
- 4.º lugar — 3.a Companhia Independente,
Presidente Prudente — 469 pts.
- 5.º lugar — 1.º Batalhão de Infantaria,
São Paulo — 463 pontos

PROVAS DE FUZIL OU MOSQUETÃO

Classificação individual de oficiais

- 1.º lugar — cap. Elío Afonso da Cunha, do
P.M.R.G. — 283 pontos

- 2.º lugar — ten. Alvaro Júlio Pielusch Alt-
mann, do S.I. — 282 pontos
- 3.º lugar — cap. Sadoc Chaves Simas, do
2.º B.C. — 278 pontos
- 4.º lugar — ten. Flávio Capelletti, do C.P.R.
— 273 pontos
- 5.º lugar — ten. Luís Cirilo Ferreira, do
6.º B.C. — 264 pontos

Classificação individual

de subtenentes e sargentos

- 1.º lugar — sgt. esc. Cleônidas Alvares Pi-
nheiro, do S.I. — 263 pontos
- 2.º lugar — subten. Antônio Barbosa da
Silva, do 5.º B.C. — 262 pontos
- 3.º lugar — sgt. Epifânio Soares Nasci-
mento, do Q.G. — 252 pontos
- 4.º lugar — sgt. Raimundo Martins de
Brito, do 6.º B.C. — 250 pts.
- 5.º lugar — sgt. João Alves Cordeiro, do
1.º B.I. — 247 pontos

Classificação individual

de cabos e soldados

- 1.º lugar — sd. Geraldo Alberto de Sousa,
do S.I. — 260 pontos
- 2.º lugar — sd. Joaquim de Oliveira, do
5.º B.C. — 256 pontos
- 3.º lugar — sd. João Malosti, do 7.º B.C.
— 250 pontos
- 4.º lugar — sd. Lourival Gomes da Silva,
do Q.G. — 240 pontos
- 5.º lugar — cabo Sebastião Garcia, do 4.º
B.C. — 235 pontos

Classificação por equipe

- 1.º lugar — Serviço de Intendência — 805
pontos
- 2.º lugar — Quartel General — 752 pontos
- 3.º lugar — Presídio Militar Romão Gomes
e 5.º Batalhão de Caçadores
— 734 pontos
- 5.º lugar — 2.º Batalhão de Caçadores —
713 pontos

EQUIPE CAMPEÃ: S.I.

O campeonato coube à equipe do Servi-
ço de Intendência, que obteve 1.255 pon-
tos, na contagem final, incluindo as pro-
vas de fuzil e revólver, para oficiais, sub-
tenentes e sargentos, sabos e soldados. Logo a seguir, classificou-se o Quartel General, logrando assim o vice-campeonato, com 1.209 pontos. Os seguintes foram, em ordem de classificação:

- 3.º lugar — 4.º Batalhão de Caçadores,
Bauru — 1.199 pontos
- 4.º lugar — 3.a Companhia Independente,
Pres. Prudente — 1.171 pontos
- 5.º lugar — 5.º Batalhão de Caçadores,
Taubaté — 1.170 pontos
- 6.º lugar — Centro de Formação e Aper-
feiçoamento — 1.155 pontos
- 7.º lugar — 3.º Batalhão de Caçadores,
Ribeirão Preto — 1.145 pontos
- 8.º lugar — 6.º Batalhão de Caçadores,
Santos — 1.115 pontos
- 9.º lugar — Batalhão de Trânsito, São
Paulo — 1.114 pontos
- 10.º lugar — 1.º Batalhão de Infantaria,
São Paulo — 1.113 pontos
- 11.º lugar — 1.a Companhia Independente
de Bombeiros, Santos —
1.112 pontos
- 12.º lugar — 7.º Batalhão de Caçadores,
Sorocaba — 1.101 pontos
- 13.º lugar — Corpo de Bombeiros, São
Paulo — 1.048 pontos
- 14.º lugar — 2.º Batalhão de Infantaria
— 979 pontos
- 15.º lugar — Serviço de Saúde — 977
pontos
- 16.º lugar — Batalhão de Rádio-Patrolha
949 pontos
- 17.º lugar — Batalhão de Guardas — 932
pontos



Charadista!

Cruzadista!

Acha-se à venda o ÍNDICE MONOSSILÁBICO ENCICLOPÉDICO”, de autoria de Ed. Lirial Jor. (Manoel Hildegardo Pereira Franco).

Obra de grande valor para charadistas e cruzadistas, com um suplemento contendo alfabetos, música, noções sôbre cabala e sinais diversos empregados pelos apreciadores da arte enigmística.

O “ÍNDICE MONOSSILÁBICO ENCICLOPÉDICO” é a condensação de tôdas as definições e sinônimos dos termos monossilábicos encontrados na totalidade dos dicionários adotados nas seções de palavras cruzadas e de charadas das publicações do Brasil e de Portugal. Sendo obra completa no gênero, é o maior auxiliar para compôr e decifrar charadas, enigmas desenhados e palavras cruzadas.



Pedidos pelo reembolso postal, à gerência de MILITIA — rua Alfredo Maia, 106 — SÃO PAULO — BRASIL.

Campeonato colegial de de fanfarras e de bandas

Colaboração decisiva da Fôrça permitiu êxito absoluto

GRACAS à ação da Fôrça Pública, coroou-se de êxito o campeonato estadual de bandas e fanfarras escolares, encerrado em 9 de novembro último. Recorda-se que, em princípios de setembro, foram selecionados os campeões da capital paulista e do interior, como parte das comemorações da Semana da Pátria. Agora, foram escolhidos os campeões estaduais em cada categoria.

Personalidades ouvidas pela reportagem de MILITIA foram unânimes em reconhecer a atuação decisiva de nossa corporação, que tornou possível a boa marcha dos trabalhos, do comêço ao fim. Além de participar da organização do certame e fornecer a alimentação e assistência aos colegiais interioranos, a milícia contribuiu com batedores do Pelotão de Motociclistas, carros do Corpo de Bombeiros para transporte de bandeiras e duas seções do Corpo Musical, para abrilhantar os desfiles realizados. No encerramento do certame, a banda de clarins do Regimento "9 de Julho" deu um aspecto solene à competição. No desenrolar do concurso, cada escola contou com a presença de um aluno de nossa Escola de Oficiais para acompanhá-la.

Oito Oficiais constituíram a comissão julgadora, ao lado de dois inspetores da Guarda Civil. Cinco membros da comissão julgaram a harmonia dos conjuntos concorrentes e outros cinco a apresentação.

OS VENCEDORES

Os vencedores do concurso foram os seguintes: Categoria de fanfarras — 1.º lugar — Colégio São Judas Tadeu (campeão da capital); 2.º lugar — Escola Normal Washington Luís, (campeã do interior). Categoria de Bandas Marciais — 2.º lugar — Colégio Piratininga (campeão da capital); 1.º lugar — Escola Técnica Dom Pedro II, de Americana (campeã do interior). Categoria de bandas infantis — campeã — Parque Infantil Dona Leopoldina, desta capital, com crianças cuja idade no excedia 10 anos.

Dois outros estabelecimentos de ensino deveriam ainda participar do certame, na categoria de fanfarras com pisto. Contudo, motivo de fôrça maior impediu seu comparecimento.

Brasileiros naturalizados, de acôrdo com a legislação vigente, não podem formar nas fileiras das Polícias Militares. Mas, em época não muito remota, portugueses, italianos e outros europeus serviram com destaque na Força Pública paulista e nas co-irmãs. Por isso, no transcurso do dia do imigrante — 29 de novembro — é com satisfação que MILITIA saúda nossos patricios vindos de outras terras, para marchar ombro a ombro conosco, na construção da pátria comum do futuro.

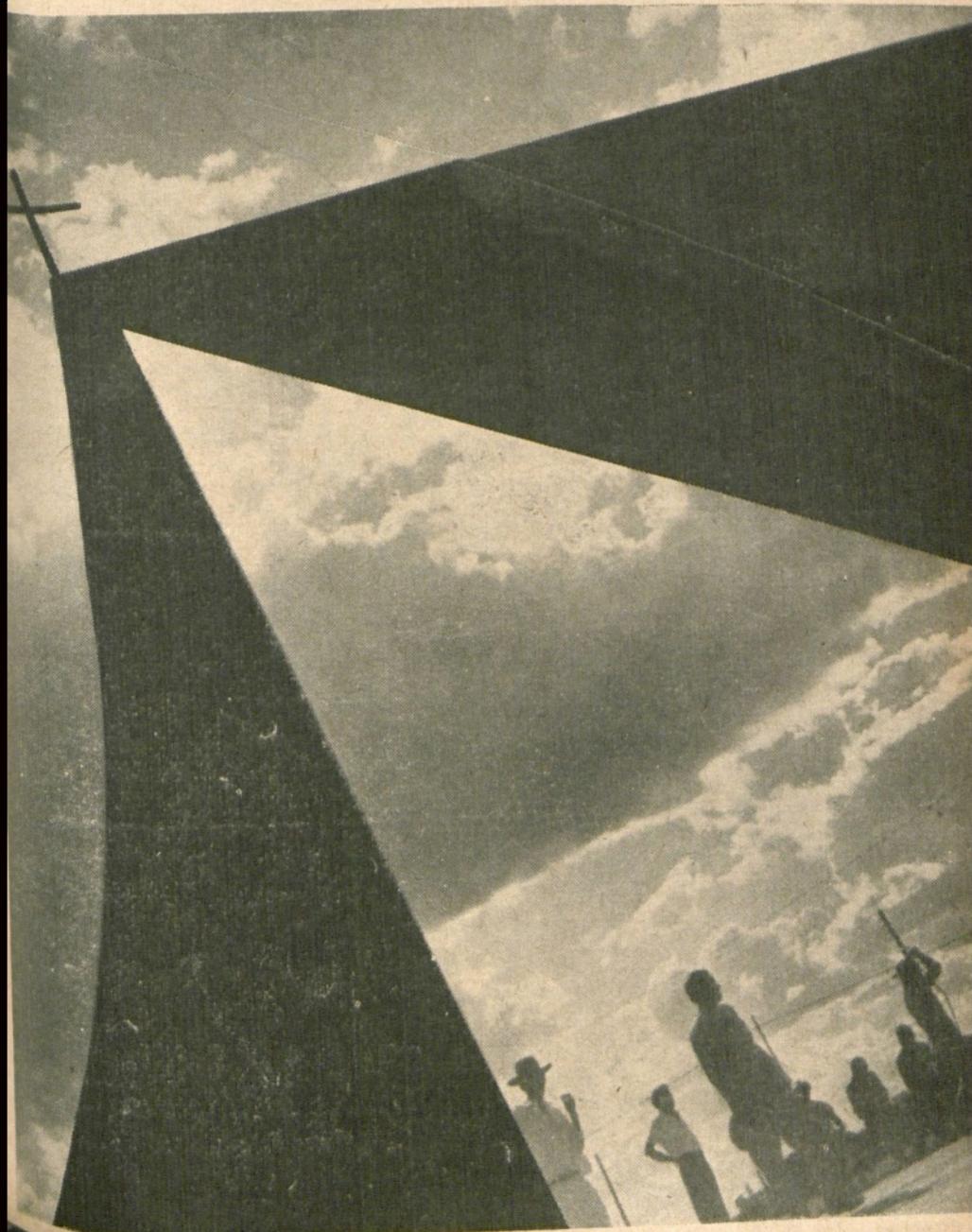
Neste 1959, o dia do imigrante foi assinalado por um conclave que marcou época. Brasileiros de origem estrangeira, vindos de vários Estados da União, reuniram-se em Brasília, para o I Congresso dos Brasileiros Naturalizados, realizado na Brasília Pálace Hotel da futura capital da República. Levantinos, eslavos, anglo — saxões de ontem, encontraram-se como brasileiros de hoje, no Distrito Federal de amanhã. Realizou-se o certame para debater a integração dos naturalizados na comunidade brasileira, pleiteada pela Liga Pró-Direitos dos Brasileiros Naturalizados, entidade que promoveu o Congresso.

... De São Paulo, seguiram para a nova capital três aviões conduzindo congressistas de todo o país. Lá passaram eles um domingo, defenderam seus direitos e admiraram o prodígio de urbanismo que é a metrópole construída artificialmente no planalto deserto, em tempo recorde. E homenagearam sua pátria adotiva, ali representada, saudando Brasília, que consideraram símbolo do espírito de bandeirismo e da ânsia de progresso que move o Brasil de nossos dias, país em desenvolvimento, que escolheram para construir seu lar.

Adiante, MILITIA dá um idéia do que foi o encontro daqueles nossos patricios, cujas reivindicações encontraram eco entre os que aqui nasceram, com repercussão entre os legisladores, como o demonstra emenda à Constituição Federal, apresentada ao Congresso Nacional, dispondo sobre os direitos dos naturalizados.

CONGRESSO DOS NATURALIZADOS

BRASILEIROS DE TODO O MUNDO NA CAPITAL DA ESPERANÇA





CONGRESSISTAS EM AÇÃO

Representantes de todo o Brasil debatem
seus problemas

“**B**RSILEIROS simplesmente e não brasileiros naturalizados, eis o que queremos ser. Que este Primeiro Congresso seja também o último é o desejo dos que, vindos de todos os cantos do mundo, tornaram-se brasileiros, por amor à terra onde vivem e pela qual trabalham”. — Assim, expressou-se um dos congressistas participantes do I Congresso Nacional dos Brasileiros Naturalizados, realizado em Brasília em 29 de novembro findo, data em que se comemora o dia do imigrante.

Deputados federais e estaduais foram prestigiar o certame, ao lado daqueles brasileiros, de profissionais da imprensa, de estudiosos dos problemas referentes à imigração, de autoridades diplomáticas do Chile e dos Estados Unidos, além de outras personalidades. O presidente da República esteve representado pelo embaixador Fernando Ramos de Alencar, que afirmou não ser o chefe do Executivo federal indiferente aos assuntos que ali foram debatidos.

Há 10 anos, no mesmo Estado de Goiás, realizara-se a 1a. Conferência Brasileira de Colonização e Imigração, certame nunca esquecido pelos congressistas reunidos em Brasília em 1959. Aquela conferência merece destaque pelo esforço que representou no sentido de solucionar vários problemas. De lá para cá, é certo, as conquistas democráticas dos naturalizados não conseguiram grande progresso. Contudo, a entidade que os congrega é uma realidade e seu primeiro congresso significa um vigoroso passo adiante.

VISITA ÀS CONSTRUÇÕES

Os trabalhos do plenário não impediram que parte dos congressistas percorresse a metrópole nascente, em visita às construções. O palácio do Alvorada, com o arrôjo de suas linhas e a simplicidade luxuosa de suas instalações, impressionou favoravelmente os visitantes. A água pura do bosque onde se ergue o “Catetinho”, primeiro prédio lá construído, para residência e trabalho do presidente da República — desdentou-os e a natureza encantou-os.

Não deixaram de observar a grandiosidade do eixo monumental e a rapidez com que se constroem as avenidas, bem como a ausência de cruzamentos, a distribuição dos edifícios nas super-quadras, a agitação da Cidade Livre. Admiraram o contraste oferecido pelas estatuetas setecentistas que ornaram as paredes ultra-modernas do palácio da Alvorada e sua capela.

A igreja de N. S. de Fátima — o “Chapéu de Freira” — foi um dos pontos visitados, como não podia deixar de ser. Simples e alegre, pequena e sugestiva, foi o primeiro templo lá erguido. Um frei reunia uns poucos fiéis, naquela tarde de domingo. Saudou os visitantes e o alto-falante lá existente iniciou uma música qualquer em homenagem a eles.

Entre os habitantes da Cidade Livre, os congressistas divertiram-se, naquele ambiente de aventura e pioneirismo. Lá encontraram muitos estran-

geiros que dão à futura metrópole a vida necessária. São Brasileiros de nova época, vivendo e trabalhando na encruzilhada de duas eras, que é Brasília.

INTEGRAÇÃO DO NATURALIZADO

Embora o Congresso se desenvolvesse em uma única tarde, os passeios não impediram a consecução dos fins colimados. A tese central do certame, aprovada por unanimidade, tem o seguinte teor:

"Embora relativamente, tenha melhorado com o advento da Constituição democrática de 1946, a situação política do naturalizado, até então, em decorrência do clima produzido pelo regime totalitário e pretensamente nacionalista, o estrangeiro e o naturalizado, que já vinham perdendo direitos a eles assegurados pela Constituição liberal de 1891, viram-se ainda mais na posição de suspeitos ou, quando menos, de elementos inassimiláveis.

Serenado, porém, aquêlo ambiente de desconfiança com a redemocratização do país, a Constituição de 1946, ora vigente, dispensou tratamento menos anti-democrático aos estrangeiros e naturalizados. Conserva, ainda, alguns dispositivos que padecem do estrabismo jurídico, que antes infeccionara o país, ao tempo do Estado Novo.

Os que justificam as medidas de exceção contra o elemento alienígena, alegam os casos ocorridos nos Estados sulinos, onde brasileiros natos nem sequer o português falavam. Entretanto, aos poderes públicos é que muito maior culpa cabia do que a êsses elementos, e muito menos a seus pais, uma vez que ao governo competia a instalação de escolas públicas brasileiras.

É claro que, na ausência dessas medidas de caráter oficial, e privadas de qualquer instrução mantida pelo governo, procuravam êsses elementos as escolas onde professores estrangeiros lhes ensinavam aquilo de que o governo descuidava.

Todavia, com as medidas postas em prática pelo governo federal, sanou-se tal anomalia, não se registrando da parte dos professores nenhuma resistência. Tem-se, até a impressão de que teria a divulgação desse fenômeno alertado de tal forma os poderes públicos, que passaram, conseqüentemente, a agir de maneira restritiva com relação aos direitos do estrangeiros e injustificadamente severa para com os naturalizados. Data desse período a preocupação de reservar

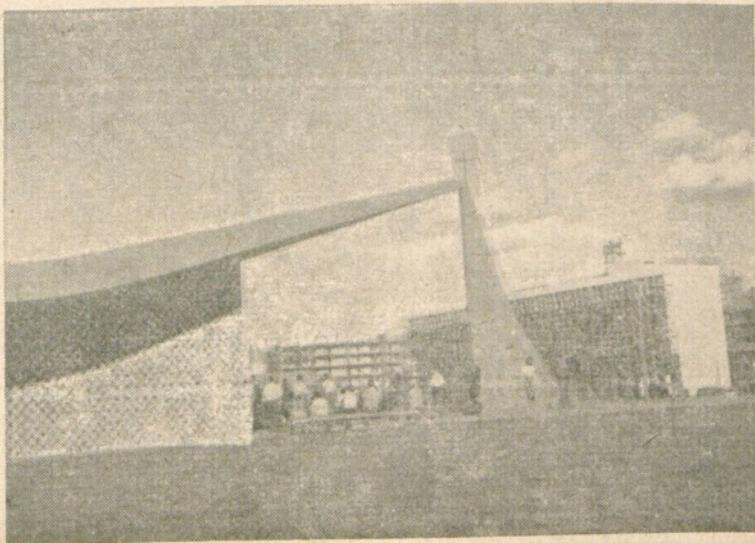
para os brasileiros natos todos os direitos de cidadania, mas, aos naturalizados, conceder apenas o direito de serem simplesmente tolerados dentro da comunidade, criando-lhes restrições de toda a ordem.

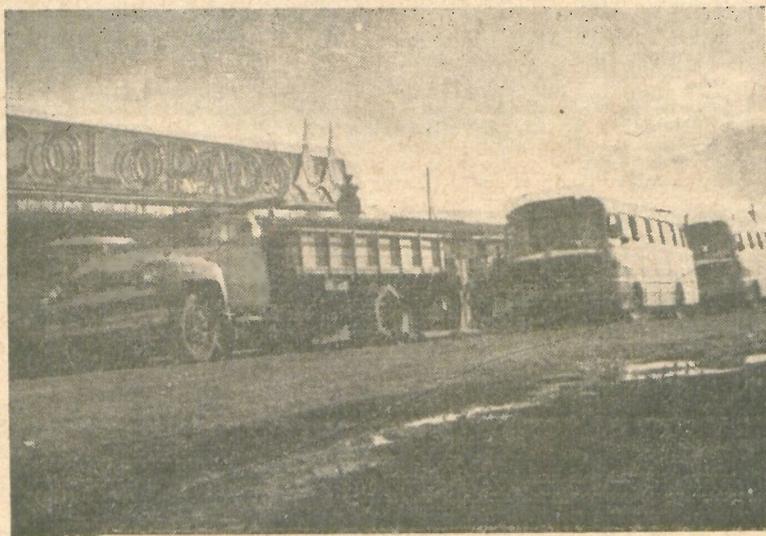
Entretanto, a despeito de haver legislado a Constituição de 1946 de maneira expressa sobre a condição de cidadania natural ou adquirida, — conservando apenas restrições universalmente aceitas, tal qual a ineligibilidade para altos cargos administrativos — a legislação ordinária e até mesmo portarias e ordens de serviço, emanadas de funcionários sem poder legiferante, vêm impondo o cumprimento dessas leis extravagantes.

Sentindo o problema de ambos os lados, isto é, pelo ponto de vista dos brasileiros natos e pelo dos naturalizados, deseja esta Liga colaborar patrioticamente para a necessária revisão do tratamento a ser dispensado aos naturalizados. E objetivando, pois, a integração total do naturalizado na comunhão nacional, sendo êste, aliás, o mais ardente desejo, de todos os que se naturalizam, fêz incluir em seus estatutos a alínea "a" do artigo 1.º como um dos objetivos fundamentais: "...promover a integração dos brasileiros naturalizados na comunhão nacional, intensificar e colaborar com os poderes públicos para facilitar a naturalização e preparar psicologicamente o novo cidadão através da difusão dos costumes e tradições da pátria, desenvolvendo um espontâneo e verdadeiro espírito patriótico".

Sem dúvida nenhuma, que será alcançado êsse objetivo a longo termo pelos próprios recursos e meios que possui esta Liga, a qual, uma vez aprovada a emenda constitucional n.º 11, conhecida por emenda Castilho Cabral, se transformará em Fundação criando cursos de História do Brasil, Geografia do Brasil, Língua Portuguesa, Folclore e práticas democráticas etc., de acôr-

Tor de domingueira: entre as numerosas construções, o "Chapéu de Freira" convida ao descanso
Em visita ao "Chapéu de Freira" (Igreja N. S. de Fátima)





Na cidade Livre, ponto de atração turística, por representar o espírito pioneiro de Brasília

do com resolução que, por indicação de um dos diretores desta entidade, o dr. Olbiano de Melo, será certamente aprovada pelo Congresso, ora reunido. No momento, considerando ser essa medida providência que se impõe num presente menos remoto, dirige a presente moção aos poderes públicos da República estendendo o apêlo que ela encerra a todos os homens de empresa do país, onde que se encontrem, desde que haja grande número de assalariados naturalizados ou estrangeiros, no sentido de: — estudar a criação de cursos rápidos, dentro de seus estabelecimentos industriais, de 30 minutos por dia, para o ensino da língua pátria, da História do Brasil, do folclore nacional e de práticas democráticas, gratuitamente, devendo-se computar êsses 30 minutos como de trabalho efetivo”.

Não são originais desta Liga, estas idéias, pois que, desde há muitos anos, vêm sendo praticadas nos Estados Unidos providências dessa natureza. Também os empregadores se beneficiariam, como os de lá se beneficiam economicamente dessa aparente liberalidade, porquanto será elemento a mais na preservação da ordem, na luta pelo progresso material e espiritual desta nação, empregado que se integra na comunhão na-

cional, tornando-se assim esclarecido sobre as vantagens, liberdades e segurança que somente o regime democrático pode oferecer.

Acredita sinceramente esta Liga, que diz muito de perto com o interesse nacional a presente moção e, por isso, espera por parte dos poderes públicos federais, estaduais e municipais, que o assunto mereça maiores estudos.

Conclama, portanto, todos os poderes cívicos e notadamente os industriais e comerciais, no sentido de que se realize o grande ideal dos brasileiros naturalizados, qual seja o da sua completa, almejada e justa integração na comunhão nacional.

BRASÍLIA, Sala das Sessões do 1.º CONGRESSO NACIONAL DOS BRASILEIROS NATURALIZADOS, em 29 de novembro de 1959. — A Diretoria: (a) presidente, dr. Arnaldo Felmanas; 1.º vice-presidente, M. Fularski; 2.º vice-presidente, barão Jean Koranyi; secretário geral, dr. Habib Carlos Kirilos; 1.º secretário, prof. Olbiano de Melo; 2.º secretário, dr. Godin Sampaio Viana; tesoureiro geral, Peter Muranyi; tesoureiro, Kurt Werner Griebel; Relações Públicas, Oskar Freundlich; Procurador, prof. Canuto Mendes de Almeida.

A emenda constitucional, que visa atender aos anseios dos congressistas, apresentada sob número 11 à Câmara Federal, em 1957, pelo então deputado Castilho Cabral, também presente ao conclave, estipula:

"O brasileiro naturalizado, depois de cinco anos de aquisição da cidadania, goza de todos os direitos de brasileiro nato, salvo o de ser eleito presidente ou vice-presidente da República, governador ou vice-governador de Estado. Sala das Sessões, 24 de abril de 1957."

Tal propositura mereceu dos brasileiros reunidos em Brasília a seguinte:

RECOMENDAÇÃO

1. Considerando que a emenda à Constituição Federal, n.º 11/57, equiparando os direitos dos brasileiros naturalizados aos dos brasileiros natos, apresentada na Câmara Federal pelo deputado Carlos Castilho Cabral e subscrita por 111 parlamentares, continua sem tramitação naquela casa do Congresso;
2. considerando que se devem envidar todos os esforços no sentido de ser apressada a d.ta tramitação,

O 1.º Congresso Nacional dos Brasileiros Naturalizados

RESOLVE:

- a) — votar uma moção de aplauso aos trabalhos até agora realizados pela Liga Pró-Direitos dos Brasileiros Naturalizados;
- b) — recomendar à sua ilustre Diretoria, interceder junto dos membros da Câmara Federal e do Senado da República, pelos meios que achar mais convenientes, no sentido de ser levada a plenario para a devida discussão e aprovação, a emenda n.º 11/57 à Constituição Federal.

BRASILIA, Sala das Sessões do 1.º Congresso Nacional dos Brasileiros Naturalizados, aos 29 de novembro de 1.959.

(a) Godin Sampaio Viana, secretário

CURSO GRATUITO DE TAQUIGRAFIA

Por correspondência

Acham-se abertas as matrículas para os cursos de taquigrafia por correspondência do Instituto Brasileiro de Taquigrafia, órgão fundado em 1944 e reconhecido de utilidade pública. O curso compõe-se de apenas 12 lições, após o que serão conferidos diplomas aos alunos aprovados em Exame Final, também por correspondência. Os interessados deverão escrever dando nome e endereços para a caixa postal 8934, São Paulo.



Direção do major Francisco V. Fonscca

ALAGOAS

O governador Muniz Falcão, por não ter podido atender ao convite que lhe formulou o Comandante da Polícia Militar de Pernambuco, para assistir à declaração de aspirantes daquela corporação, dirigiu àquele comando a seguinte carta:

“Senhor Comandante.

1. Motivos de ordem superior da Administração de Alagoas mantiveram-me no Rio de Janeiro até há poucos dias, pelo que me vi impedido de comparecer às solenidades de declaração de aspirantes dessa Corporação, de cuja turma faz parte o sargento Edson Gomes da Silva, pertencente à milícia alagoana.

2. Agradecendo a honrosa referência da inclusão do meu nome na qualidade de homenagem de honra dos aspirantes de 1959, desejo transmitir-lhes, por intermédio desse Comando, minhas congratulações, pela vitória alcançada, exortando-os a que perseverem no culto da disciplina e do respei-

to à legalidade, que tem feito da gloriosa Polícia Militar de Pernambuco guardiã da ordem pública e das instituições democráticas.

Na oportunidade, formulo a V. Excia. protestos de alto apreço e melhor consideração.

SEBASTIÃO MARINHO MUNIZ FALCÃO — Governador.

NOVOS ASPIRANTES

Os aspirantes de 1959 do Grupo Escola “General Facó”, academia onde se formam os oficiais da Polícia Militar do Estado do Ceará, prestaram significativa homenagem ao governador do Estado, sr. Parsifal Barroso, dando seu nome à turma. A comunicação foi feita em palácio, pelos alunos Vitor Hugo, Menezes, Barbosa e Suitoberto. O governador agradeceu à homenagem, dizendo de sua satisfação em receber os novos oficiais da Escola General Facó.

A turma Governador Parsifal Barroso terá como patrono o Coronel Aluisio Brigido Borba, parainfo o deputado Almir Pinto, homenageado especial Vice-Governador Wilson Gonçalves e honra ao mérito, o Coronel Guanabara, subcomandante da Polícia.

OS NOVOS ASPIRANTES

A turma “Governador Partifal Barroso” é composta de 15 oficiais: 10 combatentes, 3 bombeiros e 2 Intendentes. Ressalte-se que a turma é em sua maioria formada de alunos cearenses, havendo apenas um natural do Piauí. Eis os nomes dos novos aspirantes: Combatentes — Vitor Hugo Coelho Sampaio (orador), Francisco Pereira de Menezes, Suitoberto Sobreira Tavares, Francisco Cesar Campos Aires, Juraci Alves Teixeira, Moseli Cruz Santana, José Arnaldo, Lima Freire, Renato de Sousa Lopes, Raimundo Eugenio Pereira, Paulo Telles da Silva. Bombeiros — Themistocles Rodrigues de Oliveira, Ado-

niran de Sá Barbosa e Francisco Tarcísio de Araujo Intendentes — Tarcísio Nogueira Bezerra e Osmar Gonçalves Cordeiro.

A cerimônia

Expressiva cerimônia teve lugar no dia 19 de novembro, no Grupo-mento Escola "General Facó", com o juramento à Bandeira dos novos aspirantes da Polícia Militar. A ela compareceram o governador Par-sifal Barroso e Sra., o vice-governador Wilson Gonçalves, o dep. Almir Pinto, presidente da Assem-blêia Legislativa, representante do Comando da 10.^a RM, o cel. José Góis de Campos Barros, secretário de Polícia e Segurança Pública, familiares dos oficiais e novos aspirantes e inúmeros convidados.

ABONO PROVISÓRIO PARA A PM

A Lei 4720, de 9 de dezembro, concedeu aos militares e professores do Quadro do Magistério da Polícia Militar, inclusive aos inativos, a partir de 1.^o de outubro último, um abono provisório de 30% sobre os vencimentos, até que novo aumento seja atribuído ao pessoal do Exército Brasileiro.

DISTRITO FEDERAL

FERIAS DE 30 DIAS PARA O PESSOAL DO CB

Alterando o Regulamento Geral do Corpo de Bombeiros, o presidente da República estendeu aos oficiais e praças do Corpo de Bombeiros o benefício de trinta dias consecutivos de férias.

NOVO COMANDO PARA A PM

Foi dada posse, no dia 4 de dezembro, pelo ministro da Justiça, ao novo comandante da PM, cel. Anfrísio da Rocha Lima, que comandava o Regimento Escola de Infantaria do Exército.

Foi o ato realizado no gabinete daquele titular, presentes colegas do novo comandante da Polícia Militar e oficiais da corporação. O cel. Anfrísio da Rocha Lima proferiu palavras agradecendo a confiança com que o distinguiu o go-

vêrno e prometendo dar seus melhores esforços no desempenho do cargo. O ministro Armando Falcão, em sua curta oração, disse entregar o comando da Polícia Militar a um oficial de tradição, disciplinado, dedicado e leal, e acrescentou que o mesmo assumia o posto num momento de apreensões, mas que o govêrno está firmemente disposto a defender as instituições a qualquer preço, contando com o apoio das classes armadas, entre as quais está a Polícia Militar.

Turma "Sesquicentenário

Com a presença do sr. presidente da República, realizou-se, no dia 11 de dezembro, no campo do Botafogo de Regatas e Futebol, a solenidade de declaração dos novos aspirantes da Polícia Militar.

Foi convidado para paraninfo da turma de novos oficiais (Turma Sesquicentenário) o ministro Armando Falcão.

Compareceram à cerimônia além do presidente da República, que se fez acompanhar de auxiliares imediatos, o ministro Armando Falcão, o gen. Nelson de Melo, chefe do Gabinete Militar da Presidência da República, o sr. Augusto do Amaral Peixoto, presidente da Caixa Econômica Federal, outras autoridades civis e militares e grande número de convidados especiais e madrinhas dos novos oficiais.

A PROGRAMAÇÃO

Inicialmente, verificou-se a passagem do Estandarte da Escola de Formação de Oficiais ao aluno colocado em primeiro lugar (primeiro e segundo anos). Nessa ocasião foi entoado pelos alunos o Hino da Escola. A seguir, os novos aspirantes efetuaram a devolução do Espadim de Tiradentes, sendo lido em seguida o Boletim do Quartel-geral, com a Ordem do Dia e a nomeação dos aspirantes da PMDF e um da Polícia Militar do Estado de Goiás.

Logo após a leitura da Ordem do Dia o Paraninfo da turma pronunciou o seu discurso e em seguida

fô procedida a entrega das espadas e a substituição das platinas bem como a distribuição de prêmios aos melhores classificados, pelas autoridades. Finalizando, então, as solenidades houve o compromisso perante o Pavilhão Nacional e a seguir o desfile final do qual tomaram parte os novos oficiais e os alunos da Escola de Formação de Oficiais e da Companhia de Guarda de Honra.

O DISCURSO

O ministro Armando Falcão iniciou suas breves palavras dizendo: "Para vós, o dia de hoje há de marcar uma fase nova na vida. Graves responsabilidades a partir de hoje pesam sobre vossos ombros. Pertencéis a corporação que nunca faltou ao seu supremo dever: de servir à ordem, no respeito à lei".

E finalizou: "Tenho a certeza de que sabereis em tôdas as ocasiões corresponder ao vosso dever de cidadãos e de soldados. Faço votos a Deus que vos ilumine em vosso caminho, sempre com o pensamento e os olhos voltados para o bem da Pátria".

Calor exige

Os "Cosme-e-Damião" vão ter novo uniforme de verão. Nesse sentido, a Comissão que procede a estudos foi recomposta não só em face da mudança do comando, como também porque o oficial que a presidia foi designado para servir no gabinete do novo chefe de Polícia.

O major Anazildo Ribeiro, chefe do gabinete do comando da PM, esclareceu mais que "êsse assunto está sendo olhado com muito carinho pelo comando e, em princípios de janeiro, quando o calor começa a se manifestar com intensidade, poderemos dizer alguma coisa de novo sobre a idéia.

ESPÍRITO SANTO

Difícilima a situação econômica-financeira dos membros da PM

Existe, no seio da Polícia Militar, um movimento intenso no sen-

tido de obter bué o govêrno estadual atenda às reivindicações da classe, no setor econômico-financeiro. Há mesmo, em tôdas as esferas sociais do Estado, um clima de simpatia pró-milícia.

Vitória parcial

Desenvolvendo sua ação junto à Assembléia Legislativa, obtendo mesmo o apoio de deputados situacionistas, depois de demoradas discussões, foi aprovado o projeto de autoria do sr. Maia Carvalho, reclassificando os vencimentos da Polícia Militar. E adotou-se também a emenda Isaac Rubim (oficial da Polícia Militar), com a qual concordou o próprio autor do projeto, na qual se atribuem novos níveis de vencimentos, além da etapa mensal de 1.800 cruzeiros. São êles os seguintes: coronel, 25.000; tenente coronel, 22.100; major, 19.000; capitão, 16.500; 1.º tenente, 13.600; 2.º tenente, 11.900; aspirante a oficial, 10.200; sub-tenente, .. 7.500; 1.º sargento, 6.500; 2.º sargento, 5.500; 3.º sargento, 4.500; cabo, 3.000; soldado, 2.700; aluno da EFO, 1.º ano, 2.700; 2.º ano, .. 2.900; 3.º ano, 3.000.

MINAS GERAIS

COLÉGIO TIRADENTES

Dez anos de existência

Criado por lei, o Colégio Tiradentes, da Polícia Militar, comemorou, no dia 10 de novembro último um decênio de existência.

Contando com 995 alunos, com três turnos, para rapazes e moças, e oito exames do artigo 91, tem a sua maioria de professores integrada por oficiais, da Polícia Militar, é dirigido pela mesma e a quase totalidade dos seus alunos é composta de filhos de oficiais da Corporação. Com o seu uniforme especial, tem brilhado nos desfiles cívicos e nas comemorações. Funciona no Departamento de Instrução e dispõe de instalações próprias para educação física, piscina e pista de atletismo. Sua fundação se deu

no comando do cel. José Vargas da Silva e hoje o Colégio Tiradentes já reúne admirável acervo de tradições, possuindo os ciclos ginasial e colegial.

PIAUI

OFICIAIS ESCOLHERAM O COMANDANTE

Eis um caso inédito na vida das milícias estaduais: Quando o governador Chagas Rodrigues organizava o corpo de auxiliares do seu governo, foi facultado, democraticamente, aos oficiais da Polícia Militar do Piauí, o direito de escolherem o seu comandante, através de uma consulta que lhe fizeram o vice-governador Tibério Nunes e o dep. federal Clidenor de Freitas Santos. A escolha, por unanimidade, recaiu na pessoa do cel. Pedro Borges, oficial do EB, filho do Piauí e conhecedor profundo dos problemas do seu Estado. Isso lhe valeu por um atestado de confiança e simpatia, ao qual não tem deixado de corresponder, pois sabe-se que o cel. Pedro Borges, de maneira táctil e democrática, comanda a corporação num plano de elevada compreensão e consulta aos seus comandados, assegurando à corporação um clima de harmonia e respeito às instituições, sobretudo no sentido do cumprimento do dever.

PARAÍBA

AUMENTO DE EFETIVO

Considerado insuficiente para atender às necessidades do Estado, o atual número de 1066 elementos, da milícia piauiense, foi fixado, para o ano de 1960, o efetivo de 1398 homens, resultantes da criação de mais duas companhias de Polícia.

GOVERNO CONCEDEU AUMENTO A PM

Noticiamos, em nosso número anterior, a dramática situação dos elementos da PM, no sentido eco-

nômico-financeiro e os reflexos que a mesma poderia produzir. Atendendo àquela situação, o novo comandante passou a atuar junto ao governo do Estado, de maneira eficiente e positiva. E o governo atendeu às suas ponderações, concedendo aumento para o pessoal da PM, inclusive aos inativos.

Com um jantar na "Churrascaria Bambú", oficiais da PM prestaram homenagem, no dia 20 de outubro último, ao governador Pedro Gondim, em reconhecimento pela sanção governamental à lei que concedeu aumento para os milicianos da Paraíba.

PERNAMBUCO

FIXADO O EFETIVO PARA 1960

O governador Cid Sampaio sancionou a lei que fixa o efetivo da Polícia Militar para 1960, que é o seguinte:

1 coronel comandante geral em comissão; oficiais combatentes: 2 coroneis, 7 tenentes coroneis, 8 maiores, 24 capitães, 20 primeiros tenentes e 28 segundos tenentes; oficiais não combatentes: médicos — 1 tenente-coronel, 2 maiores, 4 capitães e 2 primeiros tenentes; dentistas — 1 major, 1 capitão e 1 primeiro tenente; farmacêutico: 1 primeiro tenente; bombeiros: 1 major, 1 capitão, 3 primeiros tenentes e 2 segundos tenentes; radiotelegrafistas: 1 capitão; capelão: 1 capitão; músico — 1 primeiro tenente; oficiais do quadro auxiliar; 6 primeiros tenentes, 12 segundos tenentes; praças: 20 alunos-oficiais; 28 sub-tenentes, 66 primeiros sargentos, 103 segundos sargentos e 256 terceiros sargentos, 460 cabos e 2772 soldados.

A corporação, terá, para o mesmo exercício, o seguinte pessoal civil: 9 médicos, 3 acadêmicos-auxiliares, 12 enfermeiras, 3 costureiras e 5 serventes.

Também de Alagoas e Piauí

Em cerimônia realizada ontem à tarde, no estádio do Derby, foram declarados aspirantes e rece-

beram suas respectivas espadas os alunos da turma de 1959 do Curso de Formação de Oficiais da Polícia Militar de Pernambuco, integrada de elementos da nossa milícia e das dos Estados do Piauí e de Alagoas.

As solenidades, que tiveram início às 16 horas, foram presenciadas por altas autoridades civis e militares e oficiais das PM de Pernambuco, Paraíba, Alagoas e do Piauí, além de numerosos convidados e famílias. Na tribuna de honra, além do governador Cid Sampaio, viam-se os generais Djalma Dias Ribeiro, comandante do IV Exército, e Pope Figueiredo, da 7.ª Região Militar; coronéis Manuel Expedito Sampaio, comandante da PM de Pernambuco; Pedro Borges Filho, comandante da PM do Piauí; e Anacleto Marinho Suruagy, da PM de Alagoas; representantes dos governadores Muniz Falcão e Chagas Ribeiro; secretários de Estado: cel. Costa Cavalcanti, Luiz de Magalhães Melo, Lael Sampaio, João Monteiro; cel. av. José Fernando Xavier Andrade, representante do brigadeiro Sousa Prata; representante do almirante Roque Dias Fernandes; cmt. Sérgio Roberto Queiroz; da Escola de Aprendizes Marinheiros; ten. av. Gabriel Bechara, do Comando da Base Aérea; o chefe da Casa Militar do governador do Estado, advogado Juarez Vieira da Cunha, personalidades várias e numerosas famílias.

E' a seguinte a relação dos integrantes da turma de aspirantes de 1950 da Polícia Militar: Edvaldo Rodrigues da Cunha Cavalcanti (orador), Fernando Batista de Aguiar, Geraldo Pereira de Lima, Hilton Resende Montes, Jurandir Peixoto, Otimar Barres Xavier, Severino Ramos de Oliveira, Thomás Viana Neto, Valter Benjamim de Medeiros (da PMPe), Edson Gomes da Silva (PF), Amintas Lopes Castelo Branco, Antônio Bento Vieira, Francisco Carlos do Bonfim, Geraldo Alves de Almeida, José Rodrigues Alves, Juracy Barbosa Mar-

ques, Manuel Wilson das Neves e Raimundo Marques Campos Drummond (da PMPI).

Eleição de nova diretoria

Em eleição realizada no quartel do Derby, no dia 28 de dezembro foi eleita a seguinte Diretoria para reger os destinos da entidade, durante o ano de 1960:

Presidente, cap. Manuel Acácio Leite; vice, cap. méd. dr. Paulo de Almeida Amazonas; secr. ten. Francisco Sobreiro de Moura Neto; ten. Propércio de Moraes Serrano; tes. ten. José Mariano Bezerra; vice. ten. José Emiliano da Silva. Conselho Fiscal: presidente, cap. Clodomir Moroni; relator, cap. Belarmino de Sousa Neto e vogal, ten. Francisco Leovigildo Maranhão.

RIO DE JANEIRO

HOMENAGEADO O CEL. SANTOS

Deixou o comando da milícia

O cel. Joaquim da Costa Santos, que vem de deixar o comando da PM, passando-o ao cel. João José Brandão Siqueira, foi homenageado pelos seus ex-comandados, no Clube dos Oficiais, no dia 17 de novembro último, com um almôço. Ao ensejo também foi inaugurado seu retrato no salão nobre da PM e lhe foi ofertada uma cenefa tinteiro de ouro.

Muito estimado entre seus camaradas, dotado de elevado tino administrativo, obteve do governo o atendimento de algumas reivindicações e melhoramentos para a PM. Entre êsses, destaca-se a criação do 4.º Batalhão, constituído de 1 Cia. de Policiamento Ostensivo ("Cósme-e-Damião"), 1 Cia. de Patrulheiros e outra de Guardas; motorização do Esquadrão de Cavalaria; criação de uma Companhia Escola. Inúmeros outros atos assinalam a passagem, pelo comando da milícia fluminense, do cel. Costa Santos, que hoje exerce as funções de inspetor geral de Trânsito Público.

CB DE NITEROI COM NOVO COMANDANTE

Nomeado o cel. Jonatan

Assumiu a chefia do Corpo de Bombeiros de Niterói, a convite do prefeito da capital, o cel. Jonatan Dezerto Bastos, oficial da PM e devotado miliciano. Foi delegado especial em várias cidades fluminenses diversas vezes presidente do Clube dos Oficiais, e exerceu também o comando da PM, dignificando a função.

Agora, à frente do Corpo de Bombeiros, certamente que tudo fará para que a milícia de fogo de Niterói cumpra a sua alta e nobre finalidade, velando pelo sossêgo e pela segurança da cidade.

RIO GRANDE DO NORTE

CEL. JOSÉ REINALDO
3 ANOS DE COMANDO

Primeiro comandante da própria milícia, há 123 anos.

A data de 30 de novembro assinalou o transcurso de 3.º aniversário de comando do cel. José Reinaldo Cavalcanti, primeiro oficial da própria milícia, desde que foi criada, há 123 anos, a receber a honrosa investidura.

Correspondendo à confiança que nele depositou o governador Dinarte Mariz, o cel. José Reinaldo tem realizado, à frente da corporação, uma administração das mais precificas, merecendo o aplauso, não só de seus comandados, como de todo o Estado.

MILICIANO MINEIRO EM VISITA

Visitou a Policia Militar, onde foi festivamente recebido pelos camaradas potiguares, o major José Marques Rosa, da milícia de Minas Gerais.

O oficial mineiro, que realiza uma viagem de estudos pelos Estados do Nordeste e do Norte, declarou estar fortemente impressionado com a organização e o sistema de trabalho da corporação, à cuja frente se acha o cel. José Reinaldo Cavalcanti.

O major Marques Rosa viajou, no dia 2 de dezembro, com destino a Fortaleza, de onde rumará para Belém e Manaus.

RIO GRANDE DO SUL

Em 21 de novembro findo, depois de comentários desencontrados, de procedências diversas, o cel. Brasilino Rodr. da Silva, comandante interino da milícia, manifestou sua satisfação pela nomeação do sr. Brochado da Rocha para as funções de secretário da Segurança. Três dias depois, fêz publicar mensagem a seus comandados, da qual transcrevemos o trecho abaixo, referente aos acontecimentos que culminaram na substituição do cel. João de Carvalho Carpes:

"Não vos deixeis nunca levar pelo arrebatamento do primeiro impulso. Atentai para a grandeza da nossa instituição. Os exemplos do passado estão a vos indicar o caminho certo a seguir. A figura de Afonso Emilio Massol, nosso patrono, concita-vos ao prestígio da autoridade constituída. Ele, que sempre foi um exemplo de nobreza e de caráter, por certo vos diria que, acima das paixões pessoais, está o amor à Brigada Militar, o acatamento e o respeito ao poder constituído; só assim esta incólume instituição encontraria o apreço, a admiração e o penhor de gratidão do seu povo, que a ama e venera, como uma guardiã perene das tradições impolutas dos legendários Farrapos.

.. Aparício Borges, aí está, em espírito, convosco, mostrando que um chefe também é vulnerável; entretanto, para o cumprimento do dever, até a vida é posta em holocausto, mas a honra, a dignidade, a satisfação do sacrificio, ficarão na história da Brigada Militar, como lembrança para aquêles que hoje forjam o seu caráter na têmpera do verdadeiro soldado que enverga a famosa farda cáqui da nossa Fôrça.

MAIS UM MANUAL DO CAPITÃO CÁLIO

Outra obra vem a público, da pena do cap. Cálio de Campos Montes: *“Emprego de Agentes Químicos na Repressão de Distúrbios Civis”*. É indiscutível a importância do assunto em nossos dias agitados, quando as Polícias Militares estão constantemente em ação, para garantir o sossego público em manifestações de rua, não raro transformadas em distúrbios, graças à exaltação de ânimos oriunda das dificuldades econômicas por que passa o povo. Agora mais do que nunca, as corporações do tipo da nossa precisam estar preparadas para enfrentar tais problemas, sem a violência inútil já superada.

O autor, que compreende tal necessidade e é especializado em armas e munições, preencheu uma lacuna com seu manual. O material modernizara-se, mas a literatura existente não. A publicação, portanto, não poderia ser mais oportuna.

“O que se encontrará a seguir — diz o cap. Cálio no prefácio — não é muito, pois sendo o assunto muito vasto, não caberia de modo algum num trabalho feito com certa urgência e com o pouco tempo disponível que tivemos para elaborá-lo”. Realmente é uma pequena brochura, mas podemos acrescentar às palavras do autor: é o guia que nossos soldados precisavam e que se torna indispensável para os milicianos brasileiros. A despeito da pressa, o autor procurou numerosas fontes de consulta, do Brasil e do exterior, para completar sua larga experiência. Assim, o manual, além de recapitular resumidamente os progressos surgidos com a primeira grande guerra, apresenta os seguintes capítulos: *Considerações Gerais, Vantagens dos Agentes Químicos, Meios Empregados para Difusão dos Agentes, Nuvens Químicas, Granadas Químicas e Primeiros Socorros.*

Estejamos vigilantes no presente, encaremos o futuro com fé e confiança, olhando o passado, em homenagem aos que nos dignificaram com os seus exemplos de amor à Brigada, à disciplina e à ordem. Aqui estamos, prezados camaradas, fiel ao nosso juramento de soldado

da Brigada Militar esperando de vós, a mesma conduta, com o pensamento voltado para o progresso e a grandeza da nossa Fôrça, para felicidade do Rio Grande do Sul e para a integridade do nosso amado Braisl,”

Portaria Pitoresca ^[1]

Órgão da imprensa interiorana (2) publicou recentemente portaria de um prefeito, vada em termos pitorescos. De maneira espirituosa e incisiva, determina medidas contra gastos excessivos com viaturas da Municipalidade. Como muitos de nossos milicianos são responsáveis por veículos do Estado, transcrevemos aqui aquêlo ato municipal, mais a título de curiosidade, embora sirva possivelmente para aumentar as precauções dos profissionais fardados.

PORTARIA

'Eu, Antônio Gonçalves da Cunha, prefeito municipal de Dois Córregos, Estado de S. Paulo, usando das atribuições que me são conferidas por lei, e

Considerando que é meu dever colocar a Casa em ordem;

Considerando que estou assustado, sem ter lombrigas, com os gastos de gasolina e consertos de veículos;

Considerando que, no ano passado, se gastou a importância de oitocentos e cinquenta mil cruzeiros (Cr\$ 850.000,00) em gasolina, óleos e consertos de máquinas, ou seja, a importância de setenta e poucos mil cruzeiros por mês, num orçamento de Cr\$ 5.000.000,00, o que corresponde a quase 2/5 do mesmo.

Considerando que essa importância assusta de fato, a qualquer cristão ou mesmo ateu;

Considerando que os caminhões não consomem gasolina, mas a estão bebendo, pois são mais sedentos que califa antes de atravessar o deserto; e, tudo e mais considerando,

DETERMINO

ao senhor chefe da Fiscalização que aperte o cinto e veja o que há com essa sede "camelina" dos veículos. O município é pobre. Necessita economia.

Assuma

o imediato comando das requisições. Gasolina, óleo e consertos, só com o seu "jamegão".

Promova

o rodízio na compra dos líquidos, entre os fornecedores; todos são iguais e filhos de Deus, perante o município.

Rogue

aos senhores choferes que poupem os carros e façam parcimonia com o "precioso líquido"; o bicho vem do estrangeiro; desliguem o motor durante a carga e descarga, poupando combustível e o motor, pois não quero ficar na triste situação de não poder pagar-lhes os salários, por haverem consumido o dinheiro em gasolina.

Verifique

pessoalmente, o consêrto e as trocas de peças. Só autorize consertos quando haja premente necessidade.

Recolham-se

as peças substituídas para a comprovação e venda como "metralha".

Não admita

que os fiscais ou feitores de turmas fiquem sentados ou, displicentemente, permaneçam em bares ou à distância, quando elas trabalham. Fiscal é para fiscalizar, e de pé, não sentado, auxiliar os homens de turma. Dêem êles o exemplo. Vigilância. Firmeza.

Exerça

rigoroso contrôle no serviço. Olho nos velocímetros. Por êles verificar-se-á se o gasto de gasolina tem sua origem no mau funcionamento ou não do veículo.

Desejo

saber, diàriamente, o número de litros gastos e os serviços prestados pelo veículo. Quero acompanhar a coisa de perto.

Não admita

que se conduza, nos veículos, petrechos de caça ou pesca. Qualquer anormalidade, no setor, comunique-ma.

Dê-se ciência. Publique-se. Afixe-se. Cumpra-se."

(1) Gentileza do ten. Evandro Martins

(2) "Jornal de Piracicaba" — 28-1-60



Destaque da

FORÇA PÚBLICA

Mesmo sem uma lei básica atualizada, a Força Pública, a exemplo do que ocorre com os demais Polícios Militares, esforça-se por aperfeiçoar seu trabalho, de modo a atender às necessidades da população. Com um aumento gradual de efetivo, vai aos poucos incentivando o policiamento em todo o Estado. Desde princípios de novembro, o litoral sul observa um número crescente de milicianos empregados no policiamento da região, o que é possível graças ao aumento de 100 homens mesma cidade praiana, inaugurou-se também o serviço de lanchas em salvamento aquático, a cargo da Cia. Ind. de Bombeiros, lá acontece em todo o povo, viu passar o Natal com as mesmas dificuldades do ano anterior.

A FÔRÇA EM AÇÃO: 5 MILHÕES DE HOMENS-HORAS

Através de todo o interior paulista, quatrocentas cadeias públicas, 3.000 estabelecimentos diversos, 8.000 escolas, 12 institutos de reeducação e tratamento são guardados pelos milicianos da F. P. Em três meses mais de 100.000 ocorrências foram atendidas e 60.000 patrulhas atuaram. 5 milhões foi o total de homens-horas que estiveram em ação.

LITORAL: MAIOR GARANTIA

Em Santos, iniciou-se, em dezembro do ano findo, o alistamento que visa aumentar em cem homens o efetivo existente no 6.º B. C. daquela cidade. Com a responsabilidade do policiamento em grande extensão da faixa litorânea, o batalhão se esforça por dar cada vez maior garantia à população.

São constantes os pedidos de criação de novos postos em várias localidades do litoral paulista. Até o momento em que redigimos estas linhas, trinta novos recrutas já foram alistados e, em breve, alguns postos serão montados. Entretanto, continua a seleção do scandidatos ao alistamento. Ao mesmo tempo, é intensificado o treinamento dos componentes da unidade, para tôdas as modalidades de serviço.

ANIVERSÁRIO DA MILÍCIA

Várias solenidades efetuaram-se para comemorar o 128.º aniversário de fundação da Força Pública. Nas proximidades do quartel do Centro de Formação e Aperfeiçoamento, unidade em que se realizou a cerimônia tradicional de declaração de novos aspirantes, procedeu-se à inauguração de edifício recém-construído para abrigar a administração do Presídio Militar Romão Gomes e sua sub-seção correccional. Depois da inauguração, teve início o ato de encerramento dos cursos no C. F. A., unidade-escola da corporação. As solenidades foram

presididas pelo governador do Estado e contaram com a presença de nosso comandante geral, cel. Arrisson de Sousa Ferraz e de outras autoridades civis e militares, entre as quais a reportagem de MILITIA registrou os nomes do brig. Armando Araribóia, comandante da 4.ª Zona Aérea, do deputado Rui de Melo Junqueira, presidente da Assembléia Legislativa, do desembargador João Marcelino Gonzaga, presidente do Tribunal de Justiça, bem como de secretários de Estado, comandantes de corpos, oficiais e praças da milícia e inúmeros convidados. Os aspirantes que, na ocasião, receberam suas espadas, participaram da cerimônia de benção das mesmas, à tarde, na Catedral Metropolitana.

Outra cerimônia bastante significativa realizou-se na véspera, no Auditório Major Antão Fernandes, onde receberam diplomas e distintivos os oficiais e praças que concluíram os cursos de instrutores e de monitores de educação física. Aqueles cursos são ministrados na Escola de Educação Física da Força, estabelecimento já tradicional em todo o país, onde é pioneiro.

SOLDADO PARANINHO

Pela primeira vez na história de nossa milícia, um soldado da corporação serviu de paraninfo a uma turma de formandos. Foi o soldado Rivadávia Nascimento Filho, que, a noite de 16 de dezembro findo, paraninhou a turma de escolares que concluiu o curso primário nas Escolas Reunidas do Jardim São Paulo. Aberta a sessão com a execução do Hino Nacional, foram entregues certificados e medalhas aos alunos que a eles fizeram juz. Fizeram uso da palavra o prof. Sebastião Hermes Verniano, diretor do estabelecimento, o orador da turma, formando Bernardo Beckermann, e o nosso companheiro paraninfo, na presença de professores, autoridades do ensino, familiares das crianças e inúmeros formandos e

convidados, entre os quais os oficiais da Fôrça — major Retori Gianico, tens. José Ricardo Miranda Couto e Pedro Hauscar Razio.

O paraninfo é velho conhecido das crianças. Componente que é do Batalhão de Trânsito, esteve durante todo o ano em contato com os pequenos, participando da instrução lá ministrada para prevenir acidentes de trânsito. O gesto dos meninos, escolhendo um soldado da Fôrça, repercutiu favoravelmente na seio do público, pelo seu significado, isto é, por externar o reconhecimento aos serviços prestados. Quem paraninhou os garotos do Jardim São Paulo foi um vigilante de sua tranquilidade, um orientador sempre atento aos perigos da metrópole para as crianças. Estas compreenderam que o soldado Rivadavia sempre cumpriu sua missão de orientar. Foi, portanto, o orientador que escolheram para paraninfo, gesto enaltecido pelo diretor das Escolas Reunidas, em sua oração.

Foi uma festa simples e agradável, em que a oração do paraninfo foi vivamente aplaudida por todos os presentes.

NATAL DOS MILICIANOS

Como de costume, os milicianos da Fôrça Pública passaram o Natal garantindo a tranquilidade da família paulista. Nos quartéis, na via pública, nas delegacias, em estabelecimentos diversos, a corporação passou mais um dia de trabalho normal. "O policial militar — diz o regulamento — está permanentemente de serviço" e o preceito regulamentar é cumprido à risca.

Entretanto, a despeito das dificuldades financeiras, todos procuraram dar a seus filhos a ilusão de um Natal feliz. Os comandantes das diversas unidades colaboraram na medida do possível para que os filhos dos soldados tivessem uns momentos de alegria. Assim é que, no Batalhão de Guardas, realizou-se, na manhã de 26 de dezembro último, a festa natalina dedicada aos pequenos, promovida pelo Serviço de Intendência, Serviço de Saúde, Batalhão de Guardas e sob o patrocínio do Clube dos Oficiais, Centro Social dos Subtenentes e Sargentos e Centro Social dos Cabos e Soldados. Na ocasião, foi inaugurada a tela panorâmica instalada no auditório Major Antão, com capacidade para seiscentas pessoas. Todos os sábados e domingos à noite, haverá sessões para adultos e, nas manhãs de domingos, para as crianças. Um filme de longa metragem, além de outros menores e desenhos animados, foram exibidos na festa de Natal.

LAVADEIRAS: 40 ANOS DE SERVIÇO

Ainda durante a festa realizada no B. G., foi prestada uma homenagem. Não a estadistas ou a quaisquer pessoas de destaque na sociedade. Receberam a homenagem as lavadeiras Osalina Henrique Branco e Cleoméncia Jacinto, pelos 40 anos de bons serviços prestados à tropa do Batalhão de Guardas. São senhoras conhecidas de todos e por todos respeitadas. Dia a dia, durante quatro decênios, elas vêm servindo a uma coletividade, contentando-se com o pouco que lhes podem pagar os soldados. Sempre viveram obscuras e obscuras esperam

morrer. Sem nenhuma assistência por parte do poder público, ignoradas pela sociedade, ficarão, porém, para sempre, na memória de milhares de pessoas que já passaram por aquela unidade da Fôrça.

CÃES PASTORES EM AÇÃO

Já é grande a folha de serviços prestados por nossos milicianos com o auxílio de cães pastores alemães. Diariamente os soldados policiam os bairros mais perigosos, levando os animais como preciosos auxiliares. E a população confia neles. Alguns cães tornaram-se conhecidos e estimados pelo povo, dando origem até a lendas como é o caso do falecido "Dick", já bastante conhecido. As descobertas de crianças perdidas e outras aventuras do gênero passaram à categoria dos fatos comuns. Isso, porém, não tira o merecimento de nossos homens, que vão além das exigências profissionais, como aconteceu recentemente com os soldados Roldão de Paula e Miguel Conrado de Souza, que não descansaram enquanto não encontraram uma criança procurada com o concurso dos cães "Itú" e "Fama", em circunstâncias difíceis.

O pequeno Sérgio, de cinco anos de idade, filho do sgt. José Andrade Maranhão, desapareceu de sua residência. Seus pais procuraram-no por toda parte, mas sem resultado. Restava apenas o recurso dos pastores. Solicitado seu emprêgo, foi dada a ordem necessária. "Itú" e "Fama" entram em ação. Graças a isso e ao trabalho de seus tratadores — os soldados mencionados acima — os milicianos caninos possibilitaram a volta da criança ao lar, mas só depois de muito trabalho e exaustiva diligência, que teve bom resultado graças ao esforço contínuo e à abnegação dos soldados.

Desaparecido de um bairro, o menino foi encontrado em outro, distante, depois que os policiais venceram terreno difícil e acidentado, sempre acionando os cães.

MEDALHA "IMPERATRIZ LEOPOLDINA"

Vários oficiais da Fôrça Pública figuram entre os agraciados com a medalha "Imperatriz Leopoldina", de caráter cultural e comemorativo, conferida anualmente a personalidades de destaque — intelectuais, artistas, cientistas etc. — e entregue solenemente na sede do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, no dia 5 de novembro de cada ano, quando se comemora a transladação dos restos mortais da "paladina da independência" para esta capital, onde repousam no Ipiranga, junto ao riacho histórico.

Inicialmente, as cinzas da imperatriz achavam-se no convento da Ajuda, de onde foram transportadas para o convento de Santo Antônio, na capital da República. De lá, foram removidas para São Paulo, em 5 de novembro de 1954, como parte das comemorações do IV centenário de fundação da capital bandeirante. Instituída a medalha, o ministro Cândido Mota Filho oficializou-a.

3.º B. I. ANIVERSARIANDO

Nosso comandante geral, comandantes de corpos e grande número de oficiais e convi-

dados compareceram ao quartel do Batalhão de Guardas, na manhã de 11 de dezembro último, para assistir às comemorações do 3.º aniversário do 3.º B. I., sediado nesta capital.

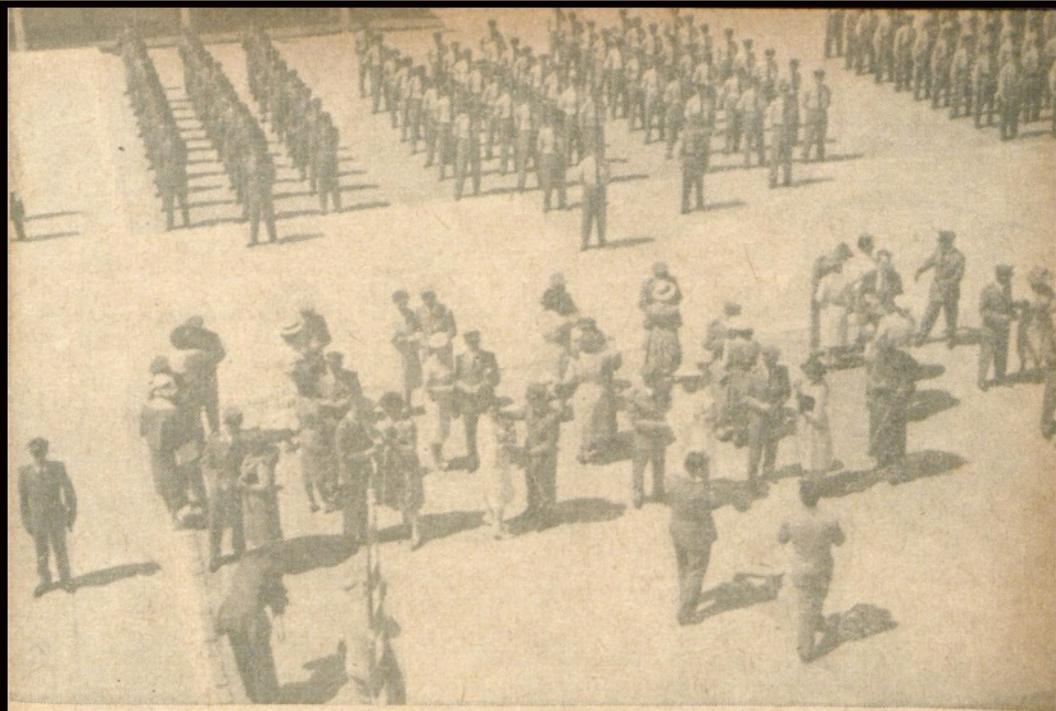
Depois da leitura do boletim comemorativo, cumpriu-se o seguinte programa: entrega de medalhas aos conjuntos classificados nos primeiros lugares no torneio esportivo realizado entre componentes do batalhão; entrega da taça "3.º B. I." à companhia ven-

cedora do torneio, entrega essa efetuada pelo presidente da Câmara Municipal de São Paulo; partidas de bola ao cesto e vôleibol e coquetel servido aos convidados.

Numerosos presentes manifestaram à reportagem seu respeito à unidade, ainda nova, pelos serviços já prestados à coletividade. O 3.º B. I. foi criado para reforçar o policiamento da capital e, desde sua fundação, vem atuando ininterruptamente em defesa da tranqüilidade pública.

C. F. A. — Novos Aspirantes





← Homens de amanhã assistem à passagem dos aspirantes de hoje à testa do desfile da tropa do Centro de Formação e Aperfeiçoamento, em continência às autoridades. Com garbo, em uniformes vistosos, alunos da Escola de Oficiais, bem como das Escolas de Sargentos, Cabos e Soldados — são uma festa para os olhos dos pequenos. Os acordes da banda, o ritmo dos tambores — tudo povoa de sonhos a fantasia dos meninos.

EM SANTOS

O 6.º B. C., de Santos, que completou em 23 de dezembro seu 63.º aniversário, comemorou com brilhantismo aquela data e o 15 de dezembro.

Fundado com o nome de 1.º Corpo de Guardas Cívicos, pelo desdobramento da Cia. de Guardas Cívicos, desta Capital, participou de vários movimentos armados. Em 24, 30 e 32, atuou de maneira decisiva quando foi preciso empregar armas.

A denominação já foi mudada para 6.º Batalhão de Infantaria e 6.º Batalhão de Caçadores, que é o nome atual. Desde 1942, atua na região de Santos e no litoral sul.

Enquanto o 6.º comemorava seu aniversário, inúmeros milicianos estavam de serviço em locais variados do litoral. Ao lado dos componentes do B. C., também os bombeiros vigiavam, prontos a pôr sua vida em risco, para garantir a da população civil. Era um dia de calor e os banhistas de San-

↑
Cinco anos à espera deste momento: entrega de espadas. Há um borborinho na assistência, quando as madrinhas se apressam para levar aos novos oficiais o símbolo que êles tanto esperaram. Fotógrafos entram em ação. Abraços e risos alegram os corações jovens que ali estão. Por um instante — um instante apenas — a disciplina rígida se transforma. Um minuto de alegria na vida do policial militar. Por trás, a tropa não perde a impassibilidade.

tos desfrutavam, tranqüilos, as delícias das ondas. Mais tranqüilos do que nunca, pois sabiam que recursos modernos juntavam-se agora à bravura dos bombeiros. Ali estavam, prontas para entrar em ação, as novas lanchas adquiridas para aquele serviço e especialmente construídas para tal fim. E lá continuam para garantir a tranqüilidade nas praias, desde seu lançamento ao mar, em cerimônia simples levada a efeito na tarde de 14 de novembro do ano findo.

HOMENAGEM AO CEL MARCILIO FRANCO

Por iniciativa da Câmara Municipal de São Paulo, uma rua desta capital tem agora o nome do cel. Marcílio Franco. Trata-se de um logradouro situado no bairro de Santana, cujas placas foram inauguradas solenemente na manhã de 20 de dezembro, com a presença de autoridades civis e militares.

o Brasil em dois meses



Com bombas-relógio, introduziu-se o terrorismo no Brasil. Local: órgãos diversos, no Rio de Janeiro, e em São Paulo, nada. Apenas um falso alarme na Assembléa Legislativa e umas poucas notícias não confirmadas. Enquanto isso, feijão bichado vindo dos Estados Unidos foi devolvido, a intervenção no mercado da carne morreu no nascedouro e o custo de vida continua a subir, mesmo com a greve geral de 2 de dezembro. Em nossa capital, registrou-se um movimento inédito: greve de patrões nos transportes coletivos urbanos. Denúncia e abertura de inquérito para apurar irregularidades em Brasília movimentou as manchetes dos jornais, principalmente porque se esperavam acusações mais graves. Assim chegou o povo ao Natal, um Natal magro, com o dólar a duzentos cruzeiros, sem carne e sem feijão.

NOVA ARMA: TERRORISMO (SEM VÍTIMAS)

O Brasil foi surpreendido com o surgimento da nova arma política (ou carnavalesca), que rebentou no Rio de Janeiro, em forma de explosões. Pesquisas de agentes especializados esclarecem que as bombas foram preparadas e colocadas por mãos de peritos. A verdade é que ao menos um cuidado tiveram os responsáveis: não fazer vítimas.

As circunstâncias em que se deu o fato e os órgãos escolhidos divertiram o povo e tornaram-no desconfiado. Um dos órgãos atingidos foi a COFAP, justamente quando ela mais se agitava, para fazer frente à crise da carne, ou para contorná-la.

Também em São Paulo, deputados trataram de poupar a vida de preciosos representantes do povo, quando com o alar-

→
O homenageado foi um dos maiores vultos da história da milícia. Enfrentou várias vezes a morte, nos movimentos de 1924 e 1930 e sempre honrou a farda em todos os postos que ocupou. Destacou-se sobretudo em 1932, no comando do 2.º Batalhão Auxiliar, que operou durante o movimento rebelde daquele ano.

De soldado a coronel, galgou todos os postos da hierarquia graças ao próprio valor e cumpriu inúmeras missões de confiança. Sua fé de ofício é um rosário de bons serviços prestados ao Estado, em todos os setores. Entre outros cargos, ocupou com brilhantismo os de chefe da Casa Militar de cinco governos estaduais — os dos srs. Washington Luís, Carlos de Campos, Dino Bueno, Júlio Prestes e Heitor Pentecoste.

ma: bomba-relógio na Assembléa Legislativa. Tinham naturalmente compromissos com o povo e não seria a morte inesperada que iria tolher a ação parlamentar. Conscientosamente puseram-se a fresco. Acontece que o alarme era falso, reflexo das ocorrências na capital da República. Além disso, no Rio de Janeiro, se noticiou a descoberta de outra bomba-relógio em repartição paulista. O governador do Estado desmentiu, embora outros teimassem em confirmar. Afinal, tudo serviu para o povo esquecer a crise da carne e outras delícias da vida brasileira.

CRISES BRASILEIRAS

I — Feijão

Como se sabe, o feijão desapareceu do mercado e tornou a aparecer, depois de confortador aumento de preço. Enquanto isso, chegou feijão norte-americano. Bichado, com muitos protestos, inquérito e medalhões denunciados. E muito dinheiro para intermediários.

II — Carne

A crise número 2 — a da carne — foi mais complexa. O fim foi o mesmo: desilusão do consumidor, com sua mesa cada vez mais magra. Em princípios de novembro, o governo federal, disposto a agir com energia, nomeou novo presidente para a COFAP: o sr. Guilherme Romano, empossado no dia 3. No mesmo dia, o interventor em São Paulo, cel. Graça Lessa, garantiu que seria enérgico. E foi. Mas houve reação, ameaça de para-

lisação de vendas a varejo (depois de aumento no preço por atacado) e até explosões de bombas. O desfecho foi inevitável: demissão do presidente da COFAP, precisamente 21 dias depois da posse, com a afirmação da "inutilidade" daquele órgão.

"GREVE DE PATRÕES"

— "Greve de trabalhadores admito. De patrão não" — teria dito uma autoridade da Justiça do Trabalho, quando da greve nas empresas particulares de ônibus em São Paulo. A greve, depois de alguns dias, cessou, ao ser determinada a instauração de dissídio coletivo, pelo presidente do Tribunal Regional do Trabalho.

Entretanto, aquele movimento paredesta deu bastante trabalho. As reivindicações seriam — dizia o rótulo — reajustamento salarial, ou melhor, cumprimento de acordo assentado anteriormente. Depois de assembléia apressada, os trabalhadores declararam-se em greve. Muitos não concordaram e quiseram trabalhar. Foram impedidos pelos próprios empregadores. Afinal, tudo terminou bem, com o pagamento devido aos empregados, depois de garantido aumento de tarifas.

Outro movimento grevista não teve o mesmo sucesso. Foi a paralisação geral do trabalho em São Paulo, programada para o dia 2 de dezembro. Houve marchas e contra-marchas, acordos e desacordos e o trabalho foi quase normal. Apenas pe-

quena concentração quebrou a monotonia, com dezenas de detenções. A greve pretendida visava protestar contra a carência.

BRASÍLIA EM FOCO

Brasília continua a ser manchete obrigatória da imprensa brasileira. Prós e contras alinham-se a todo instante. Há denúncias estorrecedoras, ao lado de elogios rasgados. No fundo, ninguém se entende, mas a nova capital é uma realidade e tudo indica que receberá o governo em 21 de abril, como está previsto.

Mas há os aproveitadores de facilidades ocasionadas pela construção da futura metrópole. Denúncias escabrosas foram levadas à Câmara de Deputados, mas devidamente suavizadas, e tudo terminou bem "no melhor dos mundos".

BRASILEIROS EM MOSCOU

Sob a chefia do ministro Edmundo Barbosa da Silva, lá se foi rumo a Moscou a missão comercial brasileira, encarregada de restabelecer nosso comércio com o país dos soviets. Foi e voltou, entre comentários os mais diversos. Agora, um novo mercado se abre para a produção nacional. Inúmeras trocas deverão ser feitas. Do nosso lado, café e outros produtos serão fornecidos à URSS. Em contraposição, a União Soviética nos mandará máquinas agrícolas, industriais etc. Afinal, quebrou-se um tabu.



ESTIMULE O APETITE

Se seu filho está sem apetite, prepare-lhe pratos com "MAIZENA". Ele apreciará as extraordinárias sopas e cremes de legumes, bem como as deliciosas sobremesas preparadas com o insubstituível

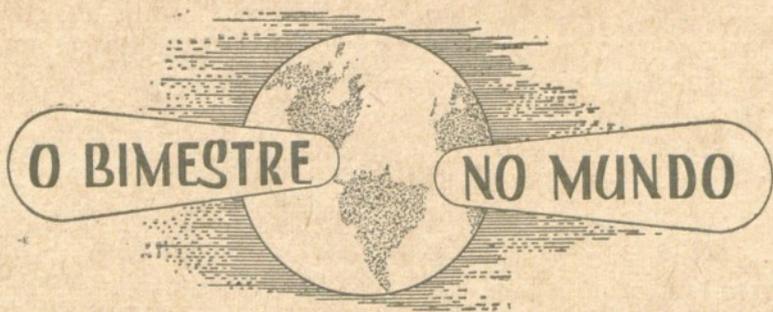
AMIDO DE MILHO

MAIZENA

MARCA REGISTRADA



TRIANGULO



Continua a ser adiada a conferência de cúpula. Enquanto os dirigentes anglo-norte-americanos e soviéticos procuram efetivar o ansiado encontro, De Gaulle trata de protelá-lo. Ao mesmo tempo, agita-se o Panamá e Fidel Castro firma-se na liderança dos povos antilhanos, a despeito da pressão externa. O desaparecimento do chefe do exército revolucionário Camilo Cienfuegos, os voos de aviões desconhecidos sobre território cubano, as dificuldades na compra de armas, as críticas à reforma agrária — nada impede que o líder de 26 de julho prossiga sua marcha. Na Argentina, perdura a situação agitada e no extremo oriente, há combates esporádicos entre chineses continentais e de Formosa. Também na fronteira sino-indu, a atmosfera está carregada. Apesar dos pesares, porém, a competição pacífica pela conquista do espaço interplanetário é uma garantia de paz. Na U.R.S.S., como nos Estados Unidos, fazem-se preparativos para os voos tripulados à lua e a planetas do nosso sistema solar e mapas da face da lua até há pouco desconhecida são estudados.

A CONFERÊNCIA DE CÚPULA

Inicialmente, a conferência de cúpula deveria realizar-se em dezembro. Entretanto, sucessivos adiamentos impossibilitaram sua efetivação ainda este ano. O presidente Eisenhower e o primeiro ministro Mac Millan, bem como o "premier" Krustchev, parecem dispostos a sua pronta realização. Falta, a decisão de gen. De Gaulle. É que a França, ao contrário das outras grandes potências, ainda não possui engenhos nucleares modernos e pretende efetuar experiências atômicas no Saara. A conferência deverá trazer a proibição de tais experiências e a redução obrigatória do armamento.

Dirigentes de todo o mundo mostram-se favoráveis à realização, o mais breve possível, da conferência. A própria França manifesta-se da mesma forma. Contudo, os franceses conseguiram evitar sua concretização ainda este ano. Espera-se agora que ela se realize em março ou abril. O sr. Maurice Couve de Murville, ministro do Exterior da França, lembrou a viagem de Krustchev à França em meados de março e seu regresso em fins do

mesmo mês, o que possibilitaria a realização da conferência em abril de 1960. "Esta — disse ele — foi sempre a base da tese francesa."

CIENFUEGOS DESAPARECIDO

— "Temos de resignar-nos à idéia de que Camilo desapareceu" — disse publicamente o primeiro ministro cubano Fidel Castro. Camilo Cienfuegos, chefe do exército revolucionário, perdeu-se com um avião que se supõe haver caído ao mar, sem deixar vestígios. Castro e seus auxiliares demonstraram por meio de gráficos a probabilidade de que o aparelho houvesse caído ao norte das províncias de Camaguey e Las Villas, quando o piloto se viu obrigado a desviar-se da rota, em virtude do mau tempo reinante. Dois acompanhantes pereceram com Cienfuegos.

Protetou ainda o primeiro ministro contra incursões de aviões vindos de bases norte-americanas para bombardear território de Cuba. Ao mesmo tempo, reafirmou seu propósito de prosseguir a execução da reforma agrária e de outras medidas do governo revolucionário. Os Estados Unidos, não só não vendem armas

para o governo de Castro, mas manifestaram-se contrá a venda por parte de potências européas. Em consequência, espera-se que também a Grã-Bretanha não forneça o armamento pretendido por Fidel Castro. O fornecimento de armas acarretaria, no dizer do Departamento de Estado norte-americano, o crescimento da agitação na região das Caraíbas. Entretanto, já se estuda a possibilidade de que Castro compre armas da União Soviética. Com tudo isso, Cuba continua na liderança dos povos da região.

AGITAÇÃO NO PANAMA

A zona do canal do Panamá viu-se envolvida em acontecimentos sangrentos, entre populares e tropas norte-americanas. Apontam-se as ocorrências como reflexo da luta anti-colonialista que se desenvolve em todo o mundo.

Voltam à baila agora as condições em que se processou a independência do istmo, quando um movimento popular, ao menos na aparência, forçou a criação da nova República, depois que o Congresso colombiano se negou a ratificar a concessão de uma faixa aos Estados Unidos para término da construção do canal. Data de então a posse daquela área pelo governo dos Estados Unidos.

SITUAÇÃO NA ARGENTINA

A despeito de não ter havido nada de grave na Argentina durante o bimestre, continua tensa a situação na República vizinha. Perón é acusado de instigar a agitação e as autoridades mantêm-se atentas para reprimir qualquer movimento popular. O Fundo Monetário Internacional aplaude a orientação econômica seguida por Frondizi e a moeda segue seu processo de desvalorização.

NO ORIENTE

No oriente parece afastada a ameaça de guerra. Entretanto chegam notícias de combates navais na região do estreito de Formosa, entre chineses continentais e de Chiang-Cai-Cheque. As ilhas Quemói sofrem bombardeios periódicos e as tropas norte-americanas continuam na ilha onde se instala o governo nacionalista. Na ONU, até o presente, ainda é Formosa quem representa a China.

Na região fronteiriça entre a Índia e a China, procura-se solução para o impasse criado. Chu-En-Lai propôs o afastamento das tropas dos dois países para 20 quilômetros da linha Mac Mahon, bem como posterior encontro com Nehru. Este, porém, rechassou a nota chinesa, não reconhecendo a linha Mac Mahon, estabelecida em 1914, como fronteira entre os dois países.

RUMO A LUA

O assunto do momento é a discussão de quem será o primeiro homem a desembarcar na lua. Com o conhecimento da face posterior daquele satélite, aproximase o dia em que habitantes da terra para lá se dirigirão, em foguetes tripulados. Juntamente com mapas da face lunar que há pouco desconhecíamos, chegam até nós fotografias de pilotos soviéticos treinados para voos espaciais. Também nos Estados Unidos realizam-se experiências para possibilitar viagens semelhantes. A corrida pacífica pela conquista do espaço afasta cada vez mais o temor de guerra.

Prevê-se para 1965 a viagem do primeiro ser humano ao satélite natural da terra. Ao mesmo tempo, encara-se a efetuação de voos a planetas de nosso sistema solar como façanha a realizar-se dentro de poucos anos.

CENTRO DE ESTUDOS MÉDICOS

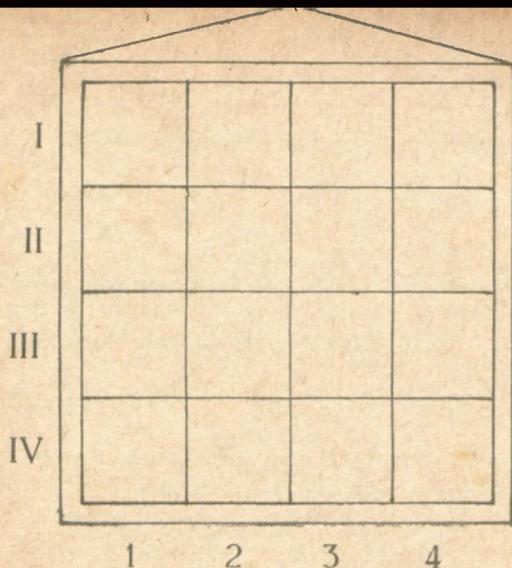
O Centro de Estudos Médicos da Fôrça Pública de São Paulo está interessado no intercâmbio técnico-profissional e cultural com as organizações congêneres e oficiais médicos das Polícias Militares.
Correspondência: Rua João Teodoro, 307 — SÃO PAULO, SP.

NOSSOS CORRESPONDENTES

- CHILE (Cuerpo de Carabineros): Prefeitura General, Valparaiso — cap. Franklin Troncoso Bachler; IV Zona de Carabineros, Concepción — cap. Moisés Suty Castro; San Bernardo — cap. Efrain de la Fuente Gonzalez.
- ACRE (Guarda Territorial): Q.G., Rio Branco — ten. Carlos Martinho Rodrigues Albuquerque.
- ALAGOAS (Polícia Militar): Q.G., Maceió — cap. Sebastião Ribeiro de Carvalho; Destacamento Policial, São Braz — sgt. José Pereira da Silva.
- AMAPA (Guarda Territorial): Sede, Macapá — ten. Uladih Charone.
- BAHIA Polícia Militar): Palácio da Aclamação — major Edson Franklin de Queirós; 2.o B.C., Ilhéus — cap. Horton Pereira de Olinda; 3.o B.C., Juazeiro — cap. Salatiel Pereira de Queirós. Corpo Municipal de Bombeiros, Salvador — cap. Alvaro Albano de Oliveira.
- CEARA (Polícia Militar): B.I., Fortaleza — major José Delídio Pereira.
- DISTRITO FEDERAL (Polícia Militar): Q.G., ten. Luiz Alberto de Souza, R.C. — ten. Hernani Alves de Brito; 6.o B.I. — ten. Ênio Nascimento dos Reis. C.B. — ten. Fernando Carlos Machado.
- ESPÍRITO SANTO (Polícia Militar): Q.G., Vitória — ten. João N. dos Reis
- MARANHÃO (Força Policial): Q.G., São Luiz — cap. Eurípedes B. Bezerra.
- MATO GROSSO (Polícia Militar): Comando Geral e 1.o B.C., Cuiabá — asp. Per-núfio da Costa Leite Filho, 2.o B.C., Campo Grande — ten. Edgard A. de Figueiredo; 2.a Cia. do 2.o B.C., Ponta Porã — sgt. Francisco Romeiro.
- MINAS GERAIS (Polícia Militar): Q.G., Belo Horizonte — ten. Carlos Augusto da Costa; 3.o B.I., Diamantina — ten. Geraldo Francisco Marques; 7.o B.I., Bom Despacho — cap. José Guilherme Ferreira; 8.o B.I., Lavras — ten. Felisberto Cassimiro Ribeiro; 9.o B.I., Barbacena — ten. Manoel Tavares Corrêa.
- PARÁ (Polícia Militar): Q.G., Belém — major dr. Valter da Silva.
- PARAÍBA (Polícia Militar): Q.G., João Pessoa — ten. Luís Ferreira de Barros.

- PARANÁ (Polícia Militar): Q.G., Curitiba — ten. Eosni de Sena Maria Sobrinho.
- PERNAMBUCO (Polícia Militar): Quartel do Derbi, Recife — major Olinto de Souza Ferraz.
- PIAUI (Polícia Militar): Q.G., Teresina — asp. Raimundo Camelo de Vasconcelos.
- RIO DE JANEIRO (Polícia Militar): Q.G., Niterói — cap. Ademar Guilherme.
- RIO GRANDE DO NORTE (Polícia Militar): Q.G., Natal — ten. José G. Amorim.
- RIO GRANDE DO SUL (Brigada Militar): Q.G., Porto Alegre — ten. João Aldo Danesi; 2.º R.C., Livramento — cap. Carlos Cravo Rodrigues.
- SANTA CATARINA (Polícia Militar): Q.G., Florianópolis — ten. José Fernandes; 3.ª Cia. Isolada, Canoinhas — ten. Edgard C. Pereira.
- SAO PAULO (Força Pública): Q.G. — ten. José Fernandes; C.F.A. — ten. Valdomiro de Abreu; R.C. — tens. Horácio Bozon e Carlos Aderbal Lorenz; B.G. — ten. Nivaldo Antônio Trevisan; C.B. — ten. Luís Augusto Savioil e asp. Joel Avoletta; 1.º B.C., Araraquara — asp. Valdomiro Christiano; 2.º B.C. — ten. João de Oliveira Leite; 3.º B.C., Ribeirão Preto — tens. Nelson Homem de Melo, Clovis Carvalho Azevedo (1.ª Cia. — Barretos) e Plínio Vaz (2.ª Cia. — Casa Branca); 4.º B.C., Bauru — tens. Aparecido do Amaral Gurgel e Paulo Rodrigues (2.ª Cia. — Araçatuba) e asps. Achilles Graveiro (1.ª Cia. — Marília) e João Angelo Machado Lima (4.ª Cia. — Jaú); 5.º B.C., Taubaté — ten. Emerio Benedito Monteiro; 6.º B.C., Santos — cap. Gilberto Tuiuti Vilanova; 7.º B.C., Sorocaba — ten. Antônio Carlos Martins Fernandes; 8.º B.C., Campinas — ten. Evandro Martins (Piracicaba) e asp. Ivo de Camargo Varbas; 1.º B.I. — cap. Ari José Mercadante; 2.º B.I. — ten. Jatir de Souza; 3.º B.I. — ten. Francisco Rodrigues; S.I. — ten. Álvaro Pielusch Altmann; S. Subs — ten. Antônio Meneghetti; E.E.F. — cap. Francisco Antônio Bianco Jr; S.T.M. — ten. José Varela; S.S. — ten. João Cardoso; C.M. — Subten. José Romeu, S.F. — ten. Jonas Simões Machado; 3.ª Cia. Ind., Presidente Prudente — cap. Domingos de Melo; 1.ª C.I.B., Santos — cap. Paulo Marques Pereira; C.P.R. — ten. Flávio Capeletti; C.P.F. — ten. Mário Rodrigues Montemor.
- SERGIPE (Polícia Militar): Q.G., Aracaju — cap. Renato de Freitas Brandão.

P A L C R U Z A D A S V R A S



HORIZONTAIS

I — Comboio. II — Mãe das águas.
III — Despidas. IV — Comece.

VERTICAIS

1 — Alguidar. 2 — Cidade de Malaca.
3 — Onerar. 4 — Dão ensejo a (invertido)

SOLUÇÕES DO NÚMERO ANTERIOR

HORIZONTAIS: — Dogma — Errar —
Mania — Media — Alamo.

VERTICAIS: — Desmama — Or — El
— Granada — Ma — Im — Armação.

NOSSA CAPA

QUARTEL GENERAL DA FP, São Paulo — Milicianos montam guarda. Daqui se comandam milhares de policiais-militares espalhados por todo o Estado. Aqui se tomam medidas que garantem o bem estar da população paulista, numa luta obscura mas incessante, que começou há 128 anos. A silhueta da sentinela, bem como seus companheiros, que aparecem na foto, são bem o símbolo da vigilância secular da milícia. Das agitações do período regencial e da guerra do Paraguai aos sucessos de 1959 — onde quer que haja perigo — o soldado paulista responde: Presente!

